

BLUMENAU

em Cadernos



FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU
26 ANOS

TOMO XXXIX
ABRIL 1998
NÚMERO 04



ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos

Fundação Cultural de Blumenau

Braulio Maria Schloegel

Presidente

Diretoria Administrativo-Financeira

Maria Teresinha Heimann

Diretoria Histórico-Museológica

Sueli Maria Vanzuita Petry

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca Pública "Dr. Fritz Müller"

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (11) 1957 -
il.
Mensal

Revista "BLUMENAU EM CADERNOS"
fundada em 1957 por **José Ferreira da Silva.**

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



BLUMENAU

COPYRIGHT © 1998 by Fundação Cultural de Blumenau

CAPA

Projeto Gráfico: Silvio Roberto de Braga
Acervo: Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”
Pessoas que construíram a história de Blumenau.
Foto não identificada.

*Obs.: Caso você conheça alguém nesta foto,
informe-nos pelo fone (047) 326-6990.*

DIREÇÃO

Sueli M. V. Petry

CONSELHO EDITORIAL

Alda Niemeyer, Cristina Ferreira, Niels Deeke,
Sálvio Alexandre Müller, Tadeu C. Mikowski

APOIO TÉCNICO

Maria Teresinha Heimann, Gilberto da Silva Santos

DIGITAÇÃO

Edelberto Hartmann Júnior

DIAGRAMAÇÃO/EDITORAÇÃO

Cristina Ferreira

PRODUÇÃO GRÁFICA

Nova Letra Editoração e Impressão Ltda.
Av. Brasil, 742 - Ponta Aguda - Fone/Fax (047) 326-0600
Cep 89050-000 - Blumenau - SC

SUMÁRIO

Cartas de Famílias <i>August Zittlow</i>	07
Carta aos pais e parentes (30/3/1846) <i>Hermann Blumenau</i>	18
O Livreiro <i>Siegfried Carlos Wahle</i>	22
Poloneses no Vale do Itajaí <i>José Ferreira da Silva</i>	25
Moradores do Rio Itapocu <i>Antonio Roberto do Nascimento</i>	30
Denúncia de Campanha de Desnacionalização <i>Hercílio Deeke</i>	48
A Escola Estrangeira <i>Theobaldo Costa Jamundá</i>	52
Dois Livros <i>Enéas Athanázio</i>	57

**Documentos
Originais**
Correspondências

**CARTAS
DE FAMÍLIAS**

Texto:

*AUGUST
ZITLOW*

O Arquivo Histórico de Blumenau recebeu, no ano de 1991, do Dr. Richard Meyer da cidade de Bremen, um lote de setenta e cinco cartas escritas por August Zittlow, entre os períodos de 1872 a 1885 que foram endereçadas a seus pais que residiam na Alemanha.

August Zittlow imigrou para o Brasil com 17 anos e trabalhou como agrimensor no Paraná. Foi inspetor de linhas do Telégrafo Nacional, cargo que exerceu até sua aposentadoria.

Casou-se no Rio de Janeiro, com Ana Repsold, parente da esposa do Dr. Blumenau.

Residiu por vários anos em Blumenau. Seus laços com a cidade estão registrados nas mais diversas atividades que exerceu em várias sociedades culturais das quais fora associado.

A transferência destas correspondências para o acervo do Arquivo Histórico amplia o quadro documental para construção da historiografia regional.

Nos documentos de famílias estão contidos relatos do cotidiano de personagens que, com o seu conhecimento, esforço e trabalho, ajudaram a formar o grande mosaico da nossa história.



* Traduzido por **Emílio Odebrecht** (Rio do Sul - 1997).

Rio de Janeiro, 31 Aug. 1877

Liebe Eltern!

Gewiss habt Ihr lange schon auf einen Brief von mir gewartet und längst hätte ich auch schreiben können, aber wenn man so von Lebensstürmen herumgeworfen wird, wie ich es in letzter Zeit bin, da verliert man wirklich Lust zu Allem.

Wie Ihr seht bin nicht mehr in der Provinz Paraná, sondern in Rio de Janeiro, und wenn Ihr fragen würdet, wie kommt dieses und worin ist der Grund zu suchen, so könnte man Euch eben sagen, wie jener franzoesischer Polizist: "Wer war das Frauenzimmer." In einem frueheren Briefe habe Euch doch schon mitgeteilt, dass in Morretes mit einer Italienerin eine Liebelelei angeknüpft hatte, ich merkte jedoch bald, dass ich in einem jungen italienischen Ingenieur, ebenfalls Angestellter in unserer Kommision einen Rivalen hatte und wie dies nicht anders zu erwarten war, kam es bald zwischen uns zu Konflikten, die jedenfalls ein böses Ende genommen hätten, wenn nicht von dort fortgegangen wäre. Ihr könnt Euch denken, wie schwer uns der Abschied wurde, aber was halfs. Lucia ist mir treu und wenn ich mal wieder eine gute Stelle habe und mir manches Geld erspart, so werde ich sie nachkommen lassen, ebenso Heinrich, den mein früherer Chef gern behalten wollte und der jetzt meine Arbeiten vorläufig weiter führt. Wenn es auch manches mal hapert, so helfen meine Freunde aus, auch verdient er jetzt schon besser.

Es ist reiner Unsinn, dass man da so einer jungen Südländerin in die Augen schaute und das Herz an ihr hängen bleibt. Soweit wie ich doch nun schon in Brasilien herum gekommen bin und nie, nie habe das geringste Interesse für ein Mädchen gehabt und da muss nun das Geschick mir eine Liebe aus dem schönen Venedig herschicken, ich war recht über mich selber bös und versuchte Alles, mir dieses Mädchenbild aus dem Kopf zu schlagen, aber es war mir nicht möglich. Jetzt aber genug zur Sache.

Meine Wenigkeit und noch zwei Kollegen gingen zum Chef und kündigten, worüber dieser auch gerade nicht erfreut war, denn wie er selbst sagte, traue er den Brasilianern wenig zu, wir erhielten dann unser Geld und trennten uns auf die freundlichste Weise, beladen mit Empfehlungsbriefen, worin stand, dass wir Musterkerle wären und die ich nebenbei gesagt bis heute nicht abgegeben habe.

Rio de Janeiro, 31 de agosto de 1877

Queridos Pais!

Muito tempo devem ter esperado por minha carta e de fato já deveria ter escrito há bastante tempo, porém, estou sendo arremessado para todos os lados pela vida nos últimos tempos, e assim perde-se completamente o ânimo.

Como vêem, não estou mais na província do Paraná, mas no Rio de Janeiro. E se perguntarem como isto aconteceu, poderia responder como aquele policial francês: “Qual foi a mulher?” Numa carta anterior já havia comunicado que em Morretes iniciei um caso amoroso com uma italiana. Porém, logo notei que tinha um concorrente, um jovem engenheiro italiano, que também trabalha em nossa comissão. Os conflitos entre nós não tardaram e logo percebi que poderiam terminar em tragédia, caso eu não saísse de lá. Vocês podem avaliar como a despedida nos foi difícil, mas uma decisão tinha que ser tomada. Lúcia me é fiel, e assim que tiver uma boa colocação e puder economizar algum dinheiro, mandarei buscá-la, como também o Heinrich. Meu ex-chefe gostaria muito que Heinrich permanecesse, ele está continuando os meus trabalhos. Quando vez ou outra aparecem dificuldades, meus amigos o socorrem. Ele atualmente já ganha melhor.

É o maior absurdo, perder os olhos e o coração para uma jovem moça do sul. Tanto tempo vaguei pelo Brasil e nunca, nunca demonstrei o menor interesse pelo lado feminino e aí o destino me traz um amor de Veneza. Eu fiquei zangado comigo mesmo e tentei esquecer essa moça, mas não me foi possível. Mas agora, fim com esse assunto.

Eu e mais dois colegas fomos ao chefe e pedimos demissão. Ele não ficou nada contente, pois disse-me que pouco confia nos brasileiros. Nós recebemos nosso dinheiro e separamo-nos de maneira amigável, munidos de cartas de recomendações, nas quais constava que éramos sujeitos extraordinários, cartas essas das quais até o momento não fiz uso.

No dia 9 fomos de canoa de Morretes até Paranaguá, acompanhados pelos outros amigos, onde permanecemos durante 2 dias aguardando a chegada do vapor, que finalmente entrou no dia 12, saindo ainda

Am 9. d. M. gingen per Kanu von Morretes nach Paranaguá, begleitet von mehreren Freunden, wo wir dann 2 Tage im Hotel auf den Dampfer warten mussten, der dann endlich am 12. kam und noch selbigen Tags ausfuhr. Was die Seereise anbetrifft, wenn man es so benennen will, denn in Wirklichkeit lebt man in einem auf das Eleganteste eingerichteten schwimmendem Hotel, worin man eben nur durch die Appetitlosigkeit einiger Landratten merkt, dass man auf See ist. Schon am 13. früh kamen wir auf der Höhe von Santos an, mussten jedoch beilegen und warten, da ein so dicker Nebel aufstieg, dass man kaum Schiffslänge weit sehen konnte. Endlich Nachmittags wurde es klar sodass wir in Santos einfahren konnten wo nun der Abend vergnügt in der Stadt vertobt wurde und von wo wir am anderen Morgen 12 Uhr wieder ausfuhren, begünstigt von dem schönsten Wetter. Etwa auf der Höhe von São Sebastião holten wir auch die Fregatte Vinita (?), von der deutschen Marine ein, die 3 Stunden vor uns ausgelaufen war. Die Vinita soll etwa 300 Kadetten an Bord haben und ist von Yeddo (?) in Japan gekommen. In der Stadt Santos war eine Rauferei zwischen deutschen Marinesoldaten und Brasilianern vorgefallen, wobei ein Deutscher einen Brasilianer mit seiner eigenen Klinge erstach. Die Erbitterung in Santos gegen Deutsche war deshalb gross. Die Vinita hielt dann Abends mehr die hohe See, während wir mehr unsren Kurs einhielten und am anderen Morgen in Rio einliefen. So bin ich denn jetzt schon eine geraume Zeit hier in der Weltstadt Rio de Janeiro, dem Zentrum Brasiliens, wo Geldausgeben eben meine Hauptbeschäftigung ist und so schnell ich auch von hier wieder fort möchte, kann doch möglicherweise noch eine Zeitlang hier ausharren müssen, denn der Geldmangel der brasilianischen Regierung ist nie so sichtbar gewesen als gerade jetzt und gerade Leute vom Ingenieurfach laufen zu dutzenden hier ohne Beschäftigung herum und wenn es für mich auch gerade nicht so schwer ist, eine Stelle zu finden, so bin doch nicht geneigt gerade jedwede anzunehmen. Nach dem Norden wurden mir schon verschiedentlich Stellen angeboten, aber dahin mag ich nicht. Ich muss in ein gesundes Klima und daher warte lieber noch eine Zeitlang, bis eine Stelle in der Provinz Sta. Catharina oder Rio Grande do Sul erreichen werde. Ich fürchte selbst, das nicht mehr der junge unverwüstlich gesunde Deutsche bin, der ich war, als ich nach hier kam durch die vielen Sumpffieber und durchgemachten Strapazen hat meine Gesundheit sehr gelitten.

Morgens nach dem Frühstück fahre gewöhnlich mit Pferdebahn nach Botafogo, wo Brause wohnt, der jetzt auch schon 8 Monate ohne

no mesmo dia.

Já no dia 13 pela manhã estávamos na altura de Santos, porém tivemos que ficar ancorados ao largo, devido a uma neblina tão cerrada, que mal se enxergava de um ao outro lado do navio. De tarde finalmente aclarou e entramos no porto de Santos, onde passamos uma noite divertida, partindo na manhã seguinte, com tempo maravilhoso. Na altura de São Sebastião ultrapassamos a fragata Venita, da marinha alemã, que havia partido 3 horas antes de nós. A Venita levava cerca de 300 cadetes e veio de Yeddo, no Japão. Na cidade de Santos houve brigas entre marinheiros alemães e brasileiros, um alemão esfaqueou um brasileiro com sua faca. A irritação em Santos contra os alemães foi enorme.

A Venita mais tarde rumou ao mar aberto, enquanto nós continuamos nosso curso, entrando na manhã seguinte no Rio de Janeiro. Agora já estou há algum tempo nessa metrópole, que é o Rio de Janeiro, o centro do Brasil, onde minha principal ocupação é gastar dinheiro e de onde quero sair o mais depressa possível. Isso pode-se alongar por algum tempo, pois a falta de dinheiro do governo nunca foi tão premente e visível como atualmente. Engenheiros sem trabalho perambulam aqui às dúzias. Acho que para mim não será muito difícil arranjar uma colocação, porém não estou disposto a aceitar qualquer oferta. Já me foram oferecidas colocações para o norte, porém não gostaria de ir para lá. Eu prefiro um clima mais saudável e espero mais algum tempo, até que haja uma colocação na província de Santa Catarina ou Rio Grande do Sul. Eu sinto que já não sou mais aquele alemão forte, vendendo saúde como na época em que vim para cá. As febres palustres e o trabalho estafante arruinaram minha saúde.

De manhã, depois do café, geralmente vou com o bonde puxado a mulas até Botafogo, onde Brause mora. Ele está sem trabalho há oito meses. Ele mora num lugar muito bonito, numa encosta de onde se avista a cidade e o porto. Brause disse que teve ofertas de trabalho, mas nenhuma conveniente, pois, por menos de 600\$000 ele não trabalha.

No momento há aqui uma companhia de ópera italiana, vinda de Buenos Aires, que está se apresentando na Casa de Ópera Imperial. Eu também presenciei diversas apresentações, como Macbeth, Robert der

Beschäftigung hier liegt. Brause wohnt wirklich sehr schön am Berge, von wo man die Aussicht über den ganzen Hafen und die Stadt hat. Brause sagt nun zwar, er könne Stellen genug bekommen, aber keine ihm koñvinierende, denn unter 600\$000 monatlich arbeite er nicht.

Augenblicklich ist auch von Buenos Ayres eine italienische Operngesellschaft hier, die im kaiserlichen Opernhause spielt. Ich war verschiedentlich da, sah Macbeth, Robert der Teufel, Trovador etc. Ausserdem ist der berühmte Seiltänzer Blondin hier, den gesehen habe und bewundert. Überhaupt Rio ist in jeder Beziehung Weltstadt und sollte ich Euch Alles schreiben, was hier zu sehen wäre, würden einige Bogen nicht hinreichen. Heinrich erhielt auch in letzter Zeit einen Brief vom Herrn Unkoert (?), aus New York, der sehr freundlich geschrieben war. Bei solcher Gelegenheit sagt Heinrich immer noch wieder, dass, sobald die Zeiten besser werden, er wieder nach Nord Amerika ginge.

Schreibt mir doch auch mal wie Pederit eigentlich mit seiner (?) in der Senne zurecht kommt, geht die Geschichte und wie gehen sonst die Geschäfte?

In letzter Zeit sind immer noch viel Einwanderer nach hier gekommen, besonders Italiener und Polen, aber die Regierung vefolgt hier ein ganz verkehrtes System. Anstatt die Leute, wenn sie ankommen, gleich aufs Land zu geben, lassen sie selbige monatelang in den Städten herumliegen, wo ihnen die Leute dann nicht nur recht schweres Geld kosten, sondern auch noch an Müssegang gewöhnt werden und dann sind unter diesen Leuten immer noch zuviele was gar keine Ackerbauern sind. Leute die mit einem ganz verkehrten Begriff nach hier kommen wie das Land wohl finden werden und wenn sie es gefunden, was sie hier dann wollen. Es geht leider wohl der grössten Menge von Einwanderern so, die fast nie wissen was man von ihnen fordern könnte, noch was sie zu leisten im Stande sind und dabei immer nur den Namen Amerika als den Inbegriff aller erfüllten Hoffnungen und Träume mischen, sie denken wenn wir erst einmal hier sind und alles findet sich von selbst. Oftmals haben sie Recht, denn fast immer findet sich alles ganz ganz anders, als sie gedacht haben.

Ich habe mich auch schon an das stille Leben gewöhnt, ja ich musste mich ganz umwandeln hier und nach nichts sehne mich mehr zurück als nach dem Walde mit meinem Zelt. Ja, in der Provinz Paraná habe ich viele Freunde hinterlassen, ich liebte es mal so recht den geselligen Umgang und jetzt bin ich ganz anderer Gesinnung, wohin jetzt komme,

Teufel (Roberto, o Demônio) e Trovador etc. Além disso está aqui também o famoso artista equilibrista Blondin.

O Rio é uma metrópole internacional em todos os sentidos e se fosse escrever tudo o que aqui se vê, encheria muitas folhas. Heinrich recebeu há tempos uma carta do Sr. Unkoert, de Nova York, escrita em termos muito cordiais. Nessas ocasiões Heinrich sempre repete, que assim que tiver possibilidade, voltará à América.

Escrevam como o Pederic está vivendo com sua esposa no Sena. Eles estão bem? E os negócios em geral, como estão?



Vista aérea do Rio de Janeiro

Nos últimos tempos vieram muitos imigrantes para aqui, principalmente italianos e poloneses, mas o governo aplica um sistema completamente errado. Em vez de enviá-los imediatamente ao seu destino no interior, deixam os mesmos vadiar pela cidade durante meses, onde sua

werde mit niemandem Umgang suchen. Ich werde mich mit Leib und Leben meiner Arbeit widmen, dann eine Hütte und ein Herz, weiter gebraucht man nichts um glücklich zu sein. Vor einigen Tagen erhielt auch von meinem Freund in Morretes, einen Brief, worin dieser mir mitteilt, dass Heinrich im Walde sei, und einen Brief von Deutschland erhalten habe. In manchen Sachen sind wir doch so ganz verschiedener Natur, Heinrich arbeitet so viel es mir scheint, so recht auf und war daher in Morretes Hahn im Korbe bei den älteren deutschen Herren. Tanzen tat er nicht und hatten wir mal Ball, da setzte er sich mit der grössten Seelenruhe von der Welt mit den alten hin und spielt seinen Skat oder Polo, dabei ist aber wieder durch und durch Amerikaner, welcher Titel ihm schon verschiedentlich beigelegt wurde. Ich lese augenblicklich Gerstärkers "18 Monate in Süd-Amerika", die ja wirklich sehr gut geschrieben, mir jedoch wenig Interesse abgewinnen können, nachdem man dies alles selbst durchgemacht und sich hier schon selbst ganz eingebürgert hat. Für einen Europäer liest es sich aber gewiss ganz nett und bekommt man doch auch schon einen kleinen Begriff von dem hiesigen Leben und Verhältnissen.

Heute ist hier, wie man mir sagte auch der Dampfer Argentina eingelaufen, derselbe mit dem Koester gefahren. Schreibt mir doch mal wie Koester gefallen hat und was Ihr von selbigem denkt?

Ich habe jetzt auch wieder einen Zimmerkollegen bekommen, einen jungen neu angekommenen deutschen Kaufmann, der schon in Santa Catharina und Santos war und keine Stelle finden kann. Über solche neu angekommenen wundert man sich immer, was solche Leute sich für Vorstellungen von Brasilien machen.

Fortsetzung: 13. des Monats September. Gestern erhielt Brause von seinem Bruder eine Postkarte, woraus erfahren, dass Koester in Bielefeld. Brause und auch ich hatten doch erwartet, dass Karl einige Zeilen geschrieben hätte, es soll mich wundern ob Karl zurückkommt. Die Verhältnisse Brasiliens sind eben nicht sehr glänzend jetzt. Alles hofft auf die Rückkehr des Kaisers, der hier am 20. d. M. erwartet wird und zu dessen Empfang man schon Ehrenpforten baut und grosse Festlichkeiten vorbereitet. Bei dieser Gelegenheit sollen dann auch als eine Art Huldigung Stellen vergeben werden. Unter den Vielen die hierauf warten, ist auch Brause, mit dem ich jetzt viel verkehre. Ja, wenn möglich nehme auch eine Regierungsarbeit an. Wenn Koester noch da sein sollte, so sagt ihm doch er solle, leinene

manutenção custa muito dinheiro, e ainda os acostumam à ociosidade. Além disso há entre eles muitos que não são agricultores. Gente que veio para cá com idéias falsas sobre a terra, o meio em que viverão e como irão sobreviver. Lamentavelmente a maioria dos imigrantes que vêm, não sabe o que os espera, nem tampouco o que lhes será exigido ou o que são capazes. O nome América lhes é a essência de suas esperanças não realizadas e julgam, uma vez aqui chegados, tudo se resolverá como por encanto. Muitas vezes com razão, pois quase sempre as coisas se resolvem, porém de uma maneira bem diferente do que julgavam.

Eu também já me acostumei à vida sossegada, e aqui tive que mudar completamente, mas de nada tenho mais saudade do que do mato e de minha barraca. Pois na Província do Paraná tenho muitos amigos e apreciava muito a vida com meus companheiros. Agora mudei de mentalidade, me retraio evitando muito contato... Eu me entregarei de corpo e alma ao trabalho, pois uma cabana e um coração são suficientes para a felicidade. Há poucos dias recebi uma carta de um amigo de Morretes, comunicando-me que Heinrich está no mato e que recebera uma carta da Alemanha. Em muitos sentidos nós somos de natureza diferentes. Heinrich trabalha, ao que me parece, para viver, e por esse motivo é muito bem visto entre os alemães mais idosos de Morretes. Nos bailes ele não dança, mas se senta com a maior naturalidade do mundo com os velhos, e joga o seu "Skat" ou "polo", mas até aí ele novamente é o americano completo, como ele já foi chamado diversas vezes. Atualmente estou lendo o livro de Gestaeker "18 meses na América do Sul", muito bem escrito, porém para mim pouco interessante, pois já passei por tudo isso e já me ambientei a esse meio. Para um europeu é muito interessante e lhe dá uma noção da vida e das condições aqui existentes.

Hoje entrou aqui no porto o vapor "Argentina". É o mesmo com o qual o Koester viajou. Escrevam-me sobre o que acharam do Koester e qual a opinião sobre ele. Atualmente tenho um novo colega de quarto, um recém-chegado comerciante alemão, que também já esteve em Santa Catarina e em Santos, sem achar emprego. Sempre fico admirado com esses recém-chegados, sobre a imaginação que eles têm do Brasil.

Hemden, jedoch mit Kragen N° 38 mitbringen, überhaupt auch sonstige Sachen. Wenn ich nach der Provinz gehe mit Brause, da kommt er ja so wie so dann nach. Auch wäre es gut wenn er gute Werke über Ingenieurs Wissenschaften, so wie das vom preusischen Generalstab herausgegebene Buch über den Feldzug 1870-1871, wobei geographische Karten sind, mitbrächte. Koester kann ja auch dann zu Heinrich gehen, wenn ihm das besser konviniert.

Nun, liebe Eltern, will ich schliessen, da morgen der LLOYD-Dampfer Hohenzollern fortgeht. Sobald ich eine neue Stelle habe, werde Euch meine neue Adresse schreiben, bis dahin dirigiert Briefe an Heinrich, lebt wohl, seid vielmals gegrüsst liebe Eltern und Geschwister,

von Eurem treuen

August.

Continuação: 13 de Setembro. Ontem Brause recebeu uma carta do irmão e ficou sabendo que Koester está em Bielefeld. Tanto Brause como eu, esperávamos receber notícias do Karl (Koester) e me admiraria se ele voltasse. As circunstâncias no Brasil não são as melhores. Todos esperam a volta do Imperador Pedro II, que deverá chegar no dia 20 deste mês, e para a recepção já estão sendo armados arcos de triunfo e preparadas grandes festividades. Nessa ocasião também serão distribuídos cargos, numa espécie de homenagem. Entre os tantos que estão esperando, também está Brause, com o qual atualmente tenho muito contato. Se possível aceitarei uma função. Caso o Koester ainda estiver aí, digam-lhe que traga camisas de linho, porém com colarinho número 38, também outras coisas úteis. Se eu o acompanhar a uma província, ele nos seguirá de qualquer maneira. Além disso seria útil se ele trouxesse bons livros sobre ciências de engenharia, como também o livro do estado maior prussiano sobre a guerra de 1870/71, contendo mapas cartográficos. Koester também poderá ir trabalhar com Heinrich, caso lhe convier.

Agora, queridos pais, vou terminar, pois amanhã partirá o vapor da Lloyd "Hohenzollern". Logo que tiver uma nova colocação, comunicarei meu novo endereço. Até lá dirijam as cartas ao Heinrich.

Passem bem! Saudações, queridos pais e irmãos, de vosso leal

August

Blumenau rumo ao Sesquicente- nário de Fundação

Carta aos pais e parentes (30/3/1846)

Texto:

DR. HERMANN
BRUNO OTTO
BLUMENAU*

Nesta edição publicamos uma das primeiras cartas emitidas por Hermann Blumenau a seus pais, datada de 30 de março de 1846. Esta correspondência foi redigida poucos dias após a conclusão do seu doutorado, na Alemanha.

O Dr. Blumenau encontrava-se na cidade de Hamburgo, aguardando o momento da sua partida para conhecer o Brasil.

Fazendo uma releitura do documento, percebe-se a sua preocupação em estar atento aos relatos das pessoas que conheciam ou haviam morado no Brasil. O seu teor deixa transparecer o entusiasmo, as esperanças, sonhos, preocupações e planos diante do desconhecido, manifestando seu idealismo juvenil.



**Hermann Blumenau, no jardim de sua casa
em Blumenau**

BLUMENAU
em Cadernos

* Natural da Alemanha - Hasselfelde, fundador da Colônia Blumenau em 02/9/1850.

Tradução: **Edith Sophia Eimer.**

Hamburgo, 30 de março de 1846.

Meu queridos pais!

Infelizmente ainda estou aqui, porque quando cheguei o navio ainda não estava totalmente carregado, e após estar pronto, o vento não estava propício, por soprar sempre em direção ao Rio Elba. Minha bagagem já está há muito tempo a bordo; eu mesmo já estive a bordo, mas desembarquei novamente, pois por causa do carregamento, tudo era uma grande confusão. Partiremos logo que o vento esteja propício e sopra do leste. O navio não é muito grande, é um pouco estreito, mas tem fama de ser um excelente veleiro. É um brigue muito bonito. O capitão parece ser gentil e amigável. Só tenho um companheiro de viagem e devido ao aperto da cabine, estou feliz que não sejam mais. É um jovem comerciante que faz sua primeira viagem e creio que me darei bem com ele. Ele vai para um escritório no Rio Grande, onde eu também irei primeiro, para depois seguir adiante.

Recebi aqui ainda muitas cartas de recomendações e penso que algumas devem ser boas. Sturz enviou-me de Berlim para cá um grande volume de cartas e recomendações suas e do embaixador, como também do secretário da embaixada em Berlim. Recebi também livros e instruções, além da garantia de ele me enviar 250 moedas de prata (Thaler), caso eu não consiga o emprego que eles se comprometeram em arranjar. Agora, já não estou mais preocupado com meu sustento e bem estar.

Muitas são as pessoas que estiveram no Brasil por 5, 10 e 25 anos e conhecem o país. Todas concordam que lá muito pode ser feito, mesmo como um simples farmacêutico. Um farmacêutico daqui mostrou-me uma carta de um outro, que há um ano atrás seguiu para lá com um médico e um equipamento de farmácia completo e escrevia muito satisfeito: todo farmacêutico que possui um pouco de dinheiro, mas não tem muitas possibilidades de se estabelecer, só precisa vir para o Brasil. Ele vive numa cidade não muito grande e foi, bem como seu amigo médico, recebido de braços abertos. Além disto eu mesmo falei com muitas pessoas que pareciam conhecer o Brasil a fundo, e elas elogiaram muito o país. Um certo senhor, muito rico, que esteve 26 anos no Brasil e tem talvez entre 45 - 48 anos, aconselhou-me, caso não fosse bem sucedido, que ficasse primeiro um ano no Rio ou

Bahia como ajudante de farmácia, e estudasse o ambiente. Segundo ele, esta seria a melhor maneira de conhecer o país. O tratamento e o salário seriam bons, e se conquistaria com isso a confiança.

Portanto, se eu não tiver logo sucesso na colonização, ou não conseguir encontrar um bom emprego, irei no Natal ou Ano Novo para o Rio ou Bahia, trabalhar numa farmácia.

As pessoas descrevem a terra e o clima como maravilhosos. A senhora Gültzow, esposa do senhor que aqui muito se dedicou a minha pessoa, não consegue parar de elogiar. Nenhum vestígio de febre e reumatismo, somente no início, uma desagradável erupção na pele, que passou quando se alcançou a aclimatação, disse, e então não pode haver país mais lindo. Sobre rumores de insetos, cobras e mosquitos ela somente riu. Estes são encontrados em regiões úmidas e pantanosas em grande número.

Um jovem comerciante que aqui conheci, esteve 5 anos no Brasil, nas regiões mais quentes, bem debaixo da linha equatorial e viajou pelo Rio Amazonas e alguns afluentes até o interior, onde tudo é ermo e desabitado, porém cheio de belezas e produtos naturais; habitado por portugueses e índios. Ele elogia muito o país, disse que existem incômodos, como os insetos, mas não é tanto como imaginam e ele sentia-se muito bem. Portanto, já que não vou para as regiões mais quentes, espero continuar bem de saúde.

A vida e o movimento aqui em Hamburgo é espetacular. Eu prefiro Hamburgo a Paris. Tem mais de Londres do que a vida parisiense, da qual se poderia dizer: muita gritaria e pouca ação, muito barulho por nada. O porto com seus navios, os enormes depósitos de água nos canais, a vida e o movimento nas ruas; os canais, no porto e por entre os navios, com seus enormes mastros, finalmente, a nova Hamburgo, com suas casas e palacetes modernos, o exuberante Jungfernstieg nas límpidas águas do rio Alster, é tudo tão diferente para os interioranos, tão estranho, mas é belo e impressionante. Pena que aqui o tempo seja tão instável. No verão deve melhorar um pouco, mas em geral é assim. Desde que estou aqui, quase não tive os pés secos. Mesmo com tempo bom é aconselhável levar um guarda-chuva. Às vezes cai um aguaceiro que logo passa, mas as ruas ficam molhadas e sujas.

Se Hamburgo tivesse muitos dias bonitos a permanência aqui seria ótima, principalmente nos bairros e às margens dos rios Alster e Elba. Mas não vou continuar a minha descrição. Se o verão for bom, vocês deveriam viajar para cá. De trem ou barco a vapor a viagem é rápida e não é cara, bem como a vida aqui. Eu não precisei de muito mais dinheiro do que em Ber-

lim. Vocês não se arrependeriam. Posso dizer que Hamburgo é a cidade que mais me agradou depois de Londres. Se eu pudesse ter praticado pelo menos por um ano, teria sido muito positivo para mim. Aqui ampliam-se os horizontes e têm-se uma visão de relacionamentos e comportamentos grandiosos. Nestes poucos dias de permanência aqui, aprendi e vi muitas coisas, que podem ter grande utilidade para mim.

Para o início, no Rio de Janeiro, já fui recomendado para hospedagem grátis na casa de um jovem comerciante, cujo irmão deu-me cartas para levar. Assim tenho logo algo definido. Fui recomendado também a outras casas.

Começa agora a despertar o interesse para a colonização e imigração. Falei muito a este respeito com senhores daqui. Eles parecem fazer alguma coisa, mas não querem começar; dizem que o início precisa vir de Berlim e Londres. Mas o que é arruinado pelo comodismo e a apatia, é compensado por outras coisas. Eu creio que, dando o primeiro passo, o negócio vai em frente. Na verdade só tenho que agradecer o interesse e as boas recomendações que me deram. Se eu fosse apenas como químico ou farmacêutico, teriam dado pouca atenção a minha pessoa.

Agora basta por hoje de terra alemã. Se o vento e o tempo estiverem bons, escreverei de alto mar e darei as cartas, para despachar, aos pescadores ingleses, que vêm a bordo.

Passem bem, queridos pais, Deus os mantenha com boa saúde e felizes! Caso venham para cá no verão, informem-se sobre mim com o senhor Friedr. Gültzow, Hopfenmarkt 21. Minhas cartas para cá enviem ao senhor Chr. Math. Schröder e Cia. Meu endereço no Rio de Janeiro é com Sr. Schröder e Cia. Dêem lembranças a todos os que me são caros e lembrem-se de mim com amor. Mais uma vez adeus da terra alemã.

De seu fiel filho,

H. Blumenau

O Livreiro

Texto:

*SIEGFRIED
CARLOS WAHLE**

A Livraria Carl Wahle, de propriedade de Carl Wahle, em 1923, foi anexada a uma loja de papelaria e de artigos escolares, fundada em 1921. Motivou a criação deste anexo a deficiência de bons sortimentos de livros alemães em Blumenau. Estes livros eram importados da Alemanha através de distribuidores exportadores. Naquela época tudo era importado por via marítima. O distribuidor remetia sempre diretamente os seis melhores e mais vendidos livros do mês. Além dos seis livros que vinham diretamente, outros eram escolhidos de catálogos especializados. A escolha destes livros ficava a cargo do livreiro. Periodicamente o livreiro viajava a São Francisco do Sul, a fim de liberá-los na Alfândega. O mesmo acontecia com os livros de procedência nacional. A livraria mantinha uma seção de novidades jurídicas nacionais e recebia todas as novidades neste assunto. Como o livreiro tinha realizado estudos jurídicos na Alemanha, era fácil comentar estes livros com os advogados. Carl Wahle, embora anteriormente nunca tivesse exercido atividades em livrarias, revelou-se um eficaz livreiro. A profissão de livreiro, embora pareça fácil, é bem complexa. Normalmente a grande maioria dos fregueses não sabia bem o que queria e nem sabia formular um pedido. Uma pequena parte tinha uma vaga idéia do que desejava e uma minoria sabia realmente o que queria.

O encargo da escolha ficava quase sempre por conta do livreiro, que precisava conhecer os livros, que era uma responsabilidade, porque livro não se troca, e uma vez mal selecionado e compra-



* Colaborador da Revista "Blumenau em Cadernos".

do, restava ao freguês passá-lo adiante ou guardá-lo na prateleira.

Muitas vezes acompanhei os recursos que o meu pai tinha que empregar para sugerir um livro. Primeiramente procura-se saber sexo, idade, grau de instrução, profissão e ambiente em que vivem. Para moças e senhoras novas é mais fácil do que para senhoras idosas. Existem séries de livros próprios para mocinhas. Com senhoras maduras e idosas a escolha já começava a se enquadrar em best sellers que eram lidos pelos dois sexos, como foi o caso de "E o Vento Levou", que apareceu em 1938, já traduzido para o alemão, e que foi um dos livros mais vendidos pela Livraria do Wahle, como era conhecida. Para adolescentes entre 10 e 15 anos os livros do tipo de Karl May eram bem aceitos. Tratava-se de livros que além de interessantes, ensinavam algo ao leitor. Por exemplo "E o Vento Levou" era uma verdadeira lição sobre a Guerra de Secessão na Geórgia, e os livros de Karl May davam aulas de geografia dos estados onde se travavam as lutas entre os índios americanos e os colonos brancos. Estes dois tipos de livros mencionados representam somente exemplos entre muitos outros. O livreiro sempre recomendava que a leitura fizesse parte da cultura, o livro teria que transmitir algo de útil.

Muitas vezes era muito difícil convencer compradores de livros, principalmente para aqueles que já se julgavam dotados de uma cultura incipiente.

Era comum um freguês habitual de bons livros estar procurando uma boa leitura alemã, instrutiva, que contribuísse para elevar o seu nível cultural. O livreiro, entre outros, recomendava Karl von Clausewitz "Sobre a Guerra", cuja obra fora escrita em 1830 e publicada por sua esposa em 1832, após a sua morte; Helmuth von Moltke, o maior estrategista de todos os tempos, e Alfred von Schlieffen, o criador da escola de formação de oficiais. Comumente o interessado achava que o livreiro estava querendo oferecer livros encalhados, por achá-los velhos e obsoletos.

Para estes fregueses era difícil apresentar argumentos convincentes. Meu pai chegou a passar por situações delicadas e muitas vezes teve que escutar coisas desagradáveis. Não era possível fazer ver a estes fregueses que as obras destes três alemães ainda seriam úteis por muito tempo.

Ao sair de Blumenau (fim de 1934) para estudar no Rio de Janeiro, meu pai deu-me os livros de von Clausewitz e von Moltke, com a recomendação de lê-los com muita atenção.

Realmente, caso Carl Wahle ainda estivesse vivo em 1998, (faleceu em novembro de 1957), teria tido a satisfação de ver em publicações atuais, referências de livros de von Clausewitz, von Moltke e von Schlieffen, que ainda são considerados clássicos atualizados e usados.

O atual Presidente da GE, John F. Welch, filho de um ferroviário que transformou esta empresa na mais rentável do mundo¹, antes de ser nomeado para presidente, leu, no fim da década de 70, todas obras de von Moltke², que lhe serviriam de base para as suas estratégias.

O general Colin Powell, filho de emigrantes jamaicanos, chefe do Estado Maior das Forças Americanas, responsável pelo planejamento da guerra “Tempestade no Deserto”, tem cinco referências a von Clausewitz³, em suas memórias, que lhe foram indispensáveis nos planejamentos militares.

O professor Hans H. Hinterhuber, baseou o seu livro “Wettbewerbsstrategie” nos princípios de von Moltke e von Clausewitz⁴.

O autor de best-sellers, Gene Smith, no seu livro “Lee and Grant” tem uma série de referências a von Moltke, von Clausewitz e von Schlieffen⁵.

O Prof. João Bosco Lodi, da Fundação Getúlio Vargas menciona Von Clausewitz como um dos clássicos da moderna administração⁶.

¹ Business Week, January 12, 1998, p. 30

² TICHY, Noel M. and SHERMAN, Stratford. Control your Destiny or Someone Else will. 1993, p. 52, 59, 188.

³ POWELL, Colin. My American Journey. 1995, p. 207-8, 303, 420, 444.

⁴ HINTERHUBER, Hans H. Wettbewerbsstrategie. 1990, citações em todo o livro.

⁵ SMITH, Gene. Lee and Grant. 1984, p. X, XI, 211, 234, 336.

⁶ LODI, João Bosco. História da Administração. 1981, p.15.

História & Historiografia

POLONESES NO VALE DO ITAJAÍ

Texto:

*JOSÉ FERREIRA
DA SILVA**



Os poloneses deram, também, apreciável contribuição ao desenvolvimento econômico e cultural de S. Catarina com as colônias fundadas em vários pontos do seu território. Porto União, Canoinhas, Mafra, Papanduva, Itaiópolis, Blumenau, Massaranduba e outros municípios barriga-verdes sofreram a influência benéfica de elementos dessa etnia, embora não com a expressão que ela teve no vizinho Estado do Paraná. Mas, o que pouca gente sabe é que, fora os grupos de poloneses que se fixaram mais tarde em Caminho das Areias, no atual município de Indaial, em Guarani-Açu, no de Massaranduba uma grande leva de imigrantes da Polônia veio, em setembro de 1869, para a então Colônia Itajaí, hoje Brusque. Eram 16 famílias que ocuparam outros tantos lotes coloniais abandonados pelos imigrantes irlandeses, anteriormente ali localizados. A história desta colonização é interessante. Naquela época, era vigário de Gaspar o padre polonês Antônio Zielinski, que substituíra o padre Alberto Gattone, em 1867, quando este fora transferido para a paróquia de Brusque. Esse padre Zielinski também concebera idéias de colonizador e pretendia trazer para o Brasil muitas famílias de patrícios seus que viviam em situação pouco invejável, sob as bandeiras da Rússia, da Prússia e da Áustria, entre as quais havia sido repartido o território da Polônia. E aconteceu que Sebastião Saporski que se tornaria, um pouco

* **José Ferreira da Silva** (1897-1973) - Historiador, político, membro da Academia Catarinense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Fundador da Revista "Blumenau em Cadernos".

mais tarde, o pioneiro da colonização polaca no Paraná, também veio para Blumenau e aqui passou alguns meses como professor numa linha colonial próxima à sede. Entrou em contato com o Padre Zielinski e, da troca de idéias sobre colonização, veio-lhes a decisão de requererem ao Ministro da Agricultura, uma área de terras que se obrigariam a povoar com colonos poloneses, muitos dos quais já estavam sendo esperados no Rio de Janeiro. Receberam resposta favorável e foi-lhes perguntado onde desejariam receber as terras que pretendiam colonizar. Pensavam em Santa Catarina. Mas, aí surgiram as dificuldades. Quase todo o vasto território da Bacia do Itajaí já fora destinado à colônia do Dr. Blumenau e a maior parte das terras litorâneas já havia sido atribuída às Colônias oficiais ou concedidas a particulares. Pensavam, então, no Paraná. Mas, enquanto os dois se empenhavam nessas providências, chega do Rio o primeiro grupo de poloneses. As autoridades do Departamento de Imigração, não tendo outra alternativa, encaminharam o grupo para a ex-colônia Príncipe D. Pedro. Esta colônia fora criada em janeiro de 1866, em terras que o governo adquirira de Francisco Sallentien, um dos integrantes do grupo de 17 imigrantes, fundadores de Blumenau. Sallentien, já em 1852 transferira-se para as margens do Itajaí-Mirim, para adiante do Ribeirão das Águas Claras, onde montou uma serraria.

Precisando o governo de mais terras para ampliar a colônia Príncipe D. Pedro, adquiriu a gleba de Sallentien e outras próximas, instalando ali, 98 imigrantes aliciados na América do Norte pela Companhia de Navegação "United States and Brazil Steamship". Esses colonos, na maioria irlandeses, eram da pior qualidade e, depois de criarem mil e um problemas ao diretor Barzillar Cottle e ao governo provincial, deixaram a colônia.

Os poloneses substituíram-nos, ocupando a linha colonial denominada "Sixteen Lots", pois era exatamente de 16 o número de lotes que a compunha. Já então a Colônia Príncipe D. Pedro, em completa anarquia, estava em vias de ser extinta, fato que realmente aconteceu, em dezembro daquele mesmo ano de 1868, tendo se verificado, em agosto, a chegada dos poloneses.

Com a extinção da Colônia, o seu território e os seus negócios foram incorporados a de Brusque. No ano seguinte, vieram mais 16 fa-

mílias polonesas que se juntaram às primeiras. Acreditamos que, mais pelos conselhos e insistência de Sebastião Saporski que pelas dificuldades, perigos e percalços que tiveram, por ventura, encontrado para sua acomodação nas margens do Itajaí-Mirim, os poloneses, passaram a demonstrar o seu descontentamento com as condições a que tinham sido levados. E, em queixas e lamentações diárias, junto à direção da Colônia Brusque, manifestavam desejo de mudar-se para outro ponto do país.

A verdade era que Saporski e o padre Zielinski já haviam obtido áreas de terras nos arredores de Curitiba, para onde planejavam encaminhar os poloneses de Brusque. Mas não era tarefa fácil a transferência de imigrantes de uma para outra colônia. Só o próprio Imperador poderia autorizá-la. Saporski não desistiu diante das dificuldades surgidas para a concretização de seus planos e foi, pessoalmente, à Corte advogar a causa dos seus patrícios de Brusque junto ao próprio Imperador. Nada conseguiu, entretanto.

Regressou ao Paraná, onde fundou um Colégio, na atual rua 15 de novembro, em Curitiba. Entre o exercício do magistério e a idéia fixa de trazer os poloneses de Brusque para as terras paranaenses, Saporski continuou as negociações junto ao governo daquela Província no sentido não só de obter a concessão de área para a colonização, como também, concretizar a transferência dos colonos. Afinal, depois de ter superado entraves de toda sorte, Saporski conseguiu, em parte, o que desejava: a transferência dos colonos de Brusque. O governo paranaense criava a Colônia “Dr. Venâncio”, prenome do governador Venâncio José de Oliveira Lisboa, e se prontificara a cobrir as despesas do transporte dos poloneses de Itajaí para Curitiba. Isso verificou-se em setembro de 1871, quase três anos após a sua localização na Colônia Príncipe D. Pedro. Mas aí as coisas começaram a se complicar. Os carroções que transportaram o poloneses de Antonina até Curitiba, deixaram os imigrantes à porta do Colégio de Saporski, alegando que seu compromisso era levar os colonos até ali. Nem um metro para diante. Saporski conseguiu alojá-los em casas particulares. Mas os colonos vinham sem vintém, desprovidos de tudo. Como manter-lhes a subsistência? O governo da Província tirava o corpo fora e ia retardando de dia para dia, a localização dos pobres poloneses que não tinham outro recurso que se amontoar às portas do Colégio de

Saporski ou vadiarem pelas ruas da capital. A Câmara Municipal da cidade tomou sua defesa e resolveu intervir. Curitiba tinha um vasto patrimônio em terras ao redor da cidade. Improdutivo, esse patrimônio até então inaproveitado seria mais para atrasar o desenvolvimento urbano do que para o seu progresso.

Resolveu, por isso, a edilidade curitibana mandar localizar os poloneses de Brusque em Pilarzinho, onde Saporski como engenheiro que era, participou da divisão e demarcação dos lotes e da sua distribuição aos colonos. As primeiras cartas de foro foram passadas pela Câmara em 28 de novembro daquele mesmo ano de 1871.

Iniciou-se, assim, a colonização do rocío de Curitiba com esses e milhares de outros colonos, que pelos anos seguintes foram chegando da Polônia, da Itália, da Alemanha e de outras procedências, abrindo uma era de extraordinário desenvolvimento, não apenas para Curitiba, mas para todo o Estado do Paraná.

Nesse episódio da localização dos colonos poloneses em Brusque e o seu êxodo posterior para o Paraná, há detalhes que não devem passar sem anotações e reparos de nossa parte.

Conhecemos os pormenores do fato pelas “Memórias” de Sebastião Saporski. Há, nestas, porém, afirmação que parece não representar a realidade. O que se refere, por exemplo, à oposição que os dirigentes da Colônia Blumenau teriam feito às idéias de colonização com elementos poloneses pelo Padre Antônio Zielinski, vigário de Gaspar que, por causa disso, teve a sua casa paroquial atacada, à noite, tendo os atacantes dado uma surra no padre que se viu obrigado a fugir da localidade. Nada encontramos a tal respeito na documentação existente no nosso Arquivo Histórico. Que o paroquiato de Zielinski, não navegou em águas serenas, é certo. Mas, por motivos muito diferentes do da sua nacionalidade ou dos seus planos de colonização que nada tiveram a ver com a surra que lhe foi aplicada.

Ao referir-se à retirada dos colonos poloneses da ex-Colônia Príncipe D. Pedro e o seu embarque em Itajaí, Saporski adinta:

“Em Itajaí não se passou sem atritos no último momento. As autoridades de Blumenau enviaram um destacamento de policiais para

fazer voltar o bando que se preparava para emigrar. Por sorte o capitão do navio se opôs aos perseguidores”.

Isso é de todo uma afirmação absurda, inverídica. Blumenau não tinha nem nunca teve, influência ou interferência nos negócios administrativos da Colônia Príncipe D. Pedro e muito menos na de Brusque. Não tinha por conseguinte, nenhum interesse em que os imigrantes poloneses permanecessem, ou não, naquelas colônias. E quem conhece o procedimento do Dr. Blumenau e dos seus auxiliares à frente da administração da Colônia Blumenau sabe que, em face de uma situação como a descrita por Saporski, eles não teriam nunca agido da forma apontada. Teriam, isso sim, recorrido ao governo provincial, único competente para aprovar ou condenar a transferência de colonos.

Nesse particular, como no em que se afirma que a administração de Blumenau criava quantos embaraços pudesse conceber para dificultar a imigração de poloneses, as “Memórias” de Saporski não merecem muita fé. Aliás escritores poloneses com quem mantemos correspondência, são dessa mesma opinião e dizem ter razões suficientes para sérias desconfianças.

Em 1868, quando os poloneses substituíram os irlandeses na Colônia Príncipe D. Pedro, já havia colonos polacos em Blumenau, misturados com os alemães, como por exemplo Frederico Kowalski; Guilherme Turschinski, na sede da povoação; José Murowski, na margem direita do Itajaí; Baroski; Tsaschel; Kotzke e uma dezena de outros que seria ocioso citar. E não nos consta tivesse havido animosidade ou simples má vontade dos administradores da Colônia contra eles.

É bem possível que entre os próprios colonos houvesse discriminações, se levarmos em conta o que, naquela época, sucedia na Polônia subjugada e nos países que a dominavam, acontecimentos que, por certo, tiveram reflexos entre os colonos daquelas origens aqui sediados.

**Moradores
do
Rio Itapocu**

Texto:

*ANTÔNIO ROBERTO
NASCIMENTO**

Em 1776, o Cel. Pedro Antônio da Gama Freitas, governador da Ilha de Santa Catarina, informava ao Gal. Böhn que estava a fazer "um novo estabelecimento...pela nova estrada do Rio de São Francisco", onde assentaria "novos casais", no meio daqueles "miseráveis povos, que só conheciam os seus governadores pelo nome"¹. Não sabemos, porém, se esse novo estabelecimento situava-se no Rio Itapocu. O que sabemos é que, em 1744, o Ajudante Lopes de Moura fora acusado de assassinio "no Caminho das Minas do Itapocu"² e que seus descendentes lá continuaram a viver até os dias de hoje, juntamente com a prole de João Dias de Arzão, o sesmeiro do Rio Itajaí, e com os descendentes de outros antigos moradores. Esses descendentes das famílias Arzão, Lopes de Moura, Gonsalves Lamim, Luiz, Ribeiro de Moura, Gonçalves Nogueira, Gonçalves da Luz, Veloso, Miranda, Silva Coutinho etc. seriam os referidos "miseráveis povos". Descendiam da mais antiga gente de Santa Catarina, os "paisanos" de que falava o antigo cronista.

Na Barra Velha do Rio Itapocu, por exemplo, já havia cemitério desde 1801, quando foi sepultado Felipe, de nove anos, filho legítimo de Salvador Dias de Arzão e de Ana Alves³, neto paterno de João Dias de Arzão e de

* Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

¹ Correspondência passiva do General Böhn, Anais da Biblioteca Nacional, Vol. 103, 1983, p. 122 e 126.

² Cf. Dr. LUIZ GUALBERTO, Fundação da Cidade de S. Francisco do Sul, Rev. do IHGSC, Vol. I, n. I, 1902, p.70

³ Primeiro livro da Penha

Maria do Rosário, e materno de Domingos Luiz e de Maria Alves, esta natural de Paranaguá.

Vejamos, contudo, os descendentes dos colonos açoritas, que, por assim dizer, repovoaram o Rio Itapocu.

Aos 4.4.1861⁴, falecia Rosa Ignácia de Jesus, viúva de José Francisco da Silva, "moradora no Sertão do Itapocu", com cerca de 92 anos, que "morreu de velhice". No batismo do filho Manoel, aos 14 de dezembro de 1794⁵, tendo por padrinhos Manoel Antônio e Bárbara Ignácia, vê-se que a dita viúva, filha de Manoel José da Silveira e de Bárbara de Jesus, naturais da Ilha do Pico, fora casada com José Francisco Pereira, filho de Pedro José Pereira, natural da Ilha do Faial, e de sua mulher, cujo nome está em branco. No batismo do filho José, porém, aos 7.11.1803⁶, surge o nome da avó paterna: Rosa Bernarda, também natural da Ilha do Faial. Foram padrinhos: Manoel Antônio e Bárbara de Jesus. O nome do pai é grafado tão só José Francisco. Esse José Francisco e Rosa Ignácia tiveram, outrossim, a filha Joana Rosa, já natural da Capela de São João Batista de Itapocoróia, casada, aos 22.1.1816⁷, com João de Souza, natural da freguesia de Santa Maria da Terra Nova, filho de Manoel de Souza e de Joaquina Maria, com quem teve a filha Valentina, batizada aos 25.8.1816⁸, tendo por padrinhos Manoel Francisco da Rosa e Maria da Encarnação. Esse último casal também teve o filho João, batizado aos 19.3.1820⁹, tendo por padrinho Alberto José Francisco.

Esse Alberto José Francisco foi o Capitão Alberto José Francisco da Silveira, casado com Luiza Ignácia de Jesus, natural de São José da Terra Firme, filha de José Duarte e de Maria Ignácia, também naturais de S. José. No batismo da filha Clarinda aos 25.3.1832¹⁰, os avós paternos são: José Francisco da Silva, natural da freguesia de N. Sa. das Necessi-

⁴ Segundo livro de óbitos da Penha

⁵ Primeiro livro da Penha cit.

⁶ Primeiro livro da Penha cit.

⁷ Id. Ib.

⁸ Id. Ib.

⁹ Id. Ib.

¹⁰ Id. Ib.

dades, e Rosa Ignácia de Jesus, natural de São José. Padrinho foi Joaquim Duarte, solteiro, e madrinha N. Sa. da Penha.

A sobredita Valentina Joana Rosa de Jesus, a filha do luso João de Souza e de Joana Rosa, casou, aos 18.12.1830¹¹, em cerimônia realizada pelo Frei Gregório das Dores, com Jacinto José Duarte, natural de São José, filho de José Duarte e de Maria Ignácia. Jacinto José Duarte morava no Barranco das Piçarras, em 1862, quando morrera, com cerca de 60 anos, ainda casado com Valentina Rosa de Jesus¹².

Essa família, portanto, representa os mais típicos descendentes dos colonos açoritas que vieram para Santa Catarina depois de 1750.

A sobredita D. Clarinda Luiza da Silveira, filha do Capitão Alberto José Francisco da Silveira (v. batizado supra), casou, aos 8.9.1855¹³, com Justino Francisco Garcia Júnior, filho de Justino Francisco Garcia Senior e de D. Florência Rosa Pereira, que seriam parentes, ao que supomos, daquele Thomás Francisco Garcia, natural da freguesia do Ribeirão, Ponta de Caiacanga, na ilha de Santa Catarina, casado no Rio de Janeiro e estabelecido em Camboriú, nos seus primórdios, em terras compradas a seu irmão e com ajuda do cunhado Simas¹⁴.

Clarinda Luíza da Silveira era irmã de Thomásia Rosa de Jesus, moradora da Barra Velha, onde foi casada com Francisco José da Rosa, filho de José Joaquim da Rosa e de Maria Caetana de Jesus, segundo o batismo da filha Luiza, aos 16.11.1863¹⁵.

Abandonada por seu marido luso (v. infra), Joana Rosa de Jesus, a irmã do Capitão Alberto José Francisco da Silveira, passou a viver com Thomás Antônio de Lemos, com quem teve, dentre outros, as filhas Rosa Inácia de Jesus e Maria Thomásia da Conceição. Rosa Inácia de Jesus foi casada com Vicente Antônio Caetano Júnior, filho de Vicente Antônio Caetano, então já defunto, e de Luiza Inácia de Jesus, de acordo com o

¹¹ Id. Ib.

¹² 2º. livro de óbitos da Penha

¹³ 3º. livro de casamentos da Penha

¹⁴ GARCIA, Tomaz Francisco. Os Primórdios de Camboriú. In: Blumenau em Cadernos, Tomo II, No. 9, setembro de 1959, p.170.

¹⁵ Primeiro livro da Barra Velha.

batismo da filha Maria, aos 8.12.1863¹⁶. Maria Thomásia da Conceição, por seu turno, foi casada com o austríaco Carlos Wachter, filho de João Wachter e de Joana Braegelmannram, conforme o batismo do filho Emílio aos 8.12.1863¹⁷, com três meses e 21 dias, tendo por padrinhos Manoel Antônio Vieira e Deolinda Elosa de Jesus, residentes em Barra Velha.

Alberto José Francisco da Silveira também teve a filha Carolina Rosa de Jesus, casada, por seu turno, com Francisco de Sousa da Silva, filho de João de Sousa da Silva e de Joana Rosa de Jesus, segundo o batismo do neto José, aos 2.2.1864, com um mês de idade, na Barra Velha¹⁸. Sua filha Clarinda Luiza Garcia (v. supra) teve o filho Belarmino, batizado aos 11.12.1864¹⁹, com seis meses, tendo por padrinhos Jesuino José Duarte da Silveira e Leopoldina Rosa de Jesus, casados.

Além de Clarinda Luíza Garcia, o Capitão Alberto José Francisco da Silveira e Luiza Ignácia de Jesus também tiveram os filhos Manoel José da Rosa Silveira e Claudino José Duarte da Silveira, Manoel José da Rosa Silveira foi casado, na Barra Velha, com Lucinda da Rosa Silveira, filha de Thomás Antônio de Lemos e de Joana Rosa de Jesus., de acordo com o batismo da ilha Belmira, aos 15.1.1865²⁰, tendo por padrinhos Alberto José Francisco da Silveira e a invocação da Virgem Imaculada N. Sa. da Conceição, a padroeira do Itapocu. Claudino José Duarte da Silveira, por sua vez, foi casado com Felicidade Rosa de Jesus, filha de João de Sousa da Silva e de Leonor de Sousa da Silva, segundo o batismo da filha Lucinda, aos 15.1.1865²¹, com nove meses e 28 dias, tendo por padrinhos Manoel José da Rosa Silveira e Lucinda Rosa Silveira. No batismo da filha José, em 1.8.1873²², vê-se que Cláudio José Duarte da Silveira morava no Sertão do Itapocu. A avó materna é grafada Leocádia Rosa de Jesus.

¹⁶ Id. Ib.

¹⁷ Id. Ib., fl. 10 verso

¹⁸ id. Ib.

¹⁹ id. Ib.

²⁰ Primeiro livro de casamentos da Barra Velha

²¹ Id. Ib.

²² Id. Ib.

Justino Francisco Garcia Senior foi casado também ou seria a mesma ? - com Rita Severina, com quem teve a filha Perpétua Rita Garcia, casada, a sua vez, com Miguel Leal de Sousa Nunes, integrante do Colégio Eleitoral de São Francisco do Sul por Barra Velha, filho de José Leal Nunes e de Luiza de Sousa Severina, conforme batismo do filho Athanazio, aos 11.8.1872²³, tendo por padrinhos Justino Francisco Garcia e sua mulher Clarinda Luíza Garcia. Justino Francisco Garcia Júnior e Clarinda Luíza Garcia também tiveram a filha Eulália, batizada aos 31.5.1874²⁴.

Aos 31.1.1873²⁵, Alberto José Francisco da Silveira nascido e batizado na Penha, já viúvo de Luíza Ignácia da Silveira, casou com Maria Rita Garcia, nascida e batizada na freguesia de São Miguel, filha natural de Rita Silvana de Jesus e de Justino Francisco Garcia. Sua segunda mulher, portanto, era irmã germana de Perpétua Rita Garcia (v. supra).

Jacinto José Duarte de Valentina Rosa de Jesus tiveram, dentre outros, a filha Clarinda Rosa de Jesus, batizada na Penha e casada, aos 3.2.1873²⁶, na Barra Velha, com José Bernardo Caetano, filho de Bernardo Antônio Caetano e de Florinda Rosa de Jesus.

Jacinto José Duarte e Valentina Rosa de Jesus, além de Clarinda Rosa de Jesus, tiveram o filho Antônio José Duarte, casado, aos 12.6.1874²⁷, com Cândida Inácia de Jesus, filha de Manoel Rodrigues da Silva Medeiros e de Felisbina Rosa de Jesus, naturais de São José, pelo que logramos descobrir.

Justino Francisco Garcia Júnior e Clarinda Luiza tiveram, dentre outros, a filha Leonida Justina da Silva, casada, na Barra Velha, aos 7.4.1877²⁸, com Onofre Francisco da Rosa, filho de Francisco Joaquim da Rosa e de Thomásia Rosa de Jesus.

²³ Id. Ib.

²⁴ Id. Ib.

²⁵ Id. Ib.

²⁶ Primeiro livro de casamentos da Barra Velha

²⁷ id. Ib.

²⁸ id. Ib.

Antônio José Duarte, o filho de Jacinto José Duarte, era irmão de Manoel Jacinto Duarte, casado, aos 18.5.1878²⁹, "no oratório que serve de Igreja e Matriz da freguesia de N. Sa. da Conceição da Barra Velha", com Maria Lucinda da Silveira, filha de Manoel José da Rosa Silveira e de Jacinta Francisca (?), tendo por testemunhas Carlos Wachter (ou Walter) e Manoel Antônio Vieira.

Carlos Walter e Maria Thomásia da Conceição tiveram, dentre outros, a filha Maria Balbina Walter, nascida e batizada na Barra Velha, casada, aos 30.6.1883³⁰, com Francisco Maria de Faria Machado, natural da freguesia de N. Sa da Assunção da Província do Minho, Bispado de Braga, Portugal, filho de Sebastião José de Faria Machado e de Rosa de Oliveira Machado. A cerimônia foi realizada na Casa de Missões do Itapocu, sendo testemunhas Alexina Vosn e Emílio Carlos Jourdan.

O sobredito Carlos Walter teve seus bens inventariados, em 1885, por sua mulher Maria Thomásia da Conceição³¹. Morava no lugar Sertão do Rio Itapocu, onde faleceu aos 7.11.1884, sendo casado com Maria Thomásia em segundas núpcias, com quem teve seis filhos sobreviventes, além de um falecido: José Maria Walter, que faleceu solteiro depois do genitor, Eduardo Carlos Walter, com 26 anos, solteiro e residente em Campinas na Província de São Paulo, a dita Maria Walter de Farias Machado então com 25 anos e residente na Vila do Parati, Emílio Carlos Walter, solteiro, com 21 anos, morador no Sertão do Itapocu em companhia da mãe, Gustavo Carlos Walter, com 19 anos, também morador no Itapocu, Alvim Carlos Walter, com apenas 16 anos, e Veneranda Walter, com 12 anos, também moradora no Itapocu, em companhia da mãe. A rogo da viúva assinava Antônio Inácio de Santa Ana. Emílio Carlos Jordan, engenheiro, 1º tenente-honorário do exército, cavalheiro da Imperial Ordem da Rosa, substabelece o Sr. Charles Augusto Caffier nos poderes que lhe foram conferidos por Eduardo Carlos Walter, sendo a firma reconhecida pelo tabelião de Joinville Salvador Gonçalves Correia. Eduardo Carlos Walter qualifica-se como "empregado nas oficinas da Companhia Paulista das Estradas de Ferro". Deixou os escravos: Ale-

²⁹ id. Ib.

³⁰ Livro no. 2 de casamentos da Barra Velha, fl. 47

³¹ Arquivo judiciário francisquense

xandre, Luiza e Antônio. Deixou também o iate "Neptuno", avaliado por um conto e quinhentos mil réis, além de uma canoa de figueira com dois palmos e meio de boca. De gado deixou uma junta de bois carreiros velhos, uma outra, uma vaca velha e pequena, mais um cavalo azulego novo. Dos bens móveis, destacam-se: um relógio de prata de algibeira, um par de esporas de prata com roseta de ferro, pesando 780 gramas, nove colheres de prata para sopa, seis colheres de prata para chá, uma mesa de araribá e doze cadeiras empalhadas etc. A "casa da residência no sítio da vivenda", na freguesia do Itapocu, tinha sótão e estava edificada sobre alicerces de pedra e cal, com paredes de tijolos, coberta de telhas, medindo 9,40 m por 11,70 m, tendo na frente duas janelas e uma porta, no eito do lado oeste duas janelas e duas portas, com todas as janelas envidraçadas, sala de visitas, dois quartos, sala de jantar, despensa, no pavimento térreo, mais uma saleta no pavimento superior. Tal residência, sofisticada para os padrões da época naquele lugar, foi avaliada em dois contos de réis. Deixou, outrossim, uma casa de pau-a-pique, ao lado da de tijolos, barreada e assoalhada, que deve ter sido a primeira do casal, ao lado da que servia de ferraria. Essas edificações estavam situadas nas 143 braças de terras de sua propriedade, que faziam fundos no Ribeirão do Cardoso, dividindo-se, pela frente, com as terras dos moradores da beira do Rio Itapocu e, pelo sul, com terras dos herdeiros do Major Manoel Antônio Vieira, e, ainda, pelo leste, com as de Bernardino Antônio Caetano, avaliadas em torno de um conto e quatrocentos e trinta mil réis. Deixou, igualmente, 189 braças de terras de frente no Sertão de Dentro no Itapocu, com fundos até o Ribeirão do Cardoso, estremando, pelo sul, com terras de Bernardino Antônio Caetano e, pelo norte, com terras dos herdeiros órfãos filhos da defunta Rosa Inácia de Jesus, e frente com terras devolutas, estimadas em um conto e trezentos e oito mil réis; mais 80 braças de frente no lugar Lagoinha, no Itapocu, com fundos até as terras dos moradores do Sertão, fazendo frente no Rio Itapocu e estremando, pelo sul, com terras de João Antônio Pereira e, pelo norte, com terras de Bento de Sousa, avaliadas em 160 mil réis; mais 69 braças de terras no lugar denominado "Aí", na margem direita do Rio Itapocu, fazendo fundos com terras devolutas, estremando, pelo lado do leste, com terras dos herdeiros do Major Manoel Antônio Vieira, e, pelo do oeste, com terras

dos herdeiros do finado Francisco Luiz Fagundes, estimadas em 464 mil réis; mais 50 braças com fundos no Ribeirão do Cardoso, estremando, pelo norte, com terras de Laurentino Francisco da Rosa e, pelo sul, com terras de Manoel Alberto da Silveira. Deixou também diversas roças de mandioca³².

Jacinto José Duarte e Valentina Rosa de Jesus tiveram, além dos referidos, os seguintes filhos mais: Zeferina Duarte de Sousa, Justino Duarte de Sousa, Luiza Rosa da Conceição e Clementina Rosa de Sousa. Zeferina Duarte de Sousa casou no Parati, aos 29.5.1871³³, com José Ignácio Moreira, filho de Reginaldo Apolinário Moreira e de Romana Inácia de Santa Ana. Justino Duarte de Sousa casou, também no Parati, aos 28.1.1882³⁴, com Carolina da Conceição Moreira, filha de Reginaldo Apolinário Moreira e de Romana Ignácia de Santa Ana. Luiza Rosa da Conceição, batizada na Penha, casou no Parati³⁵, com Januário Ignácio Borges, batizado em Itajaí, filho de Manoel Ignácio Borges, já defunto, e de Francisca Maria da Conceição. Clementina Rosa de Sousa casou no Parati, aos 7.8.1865³⁶, com José Borges Correia Feijó, natural de Porto Belo, filho de Tomaz Borges Correia Feijó e Maria Zeferina da Conceição.

O Capitão Alberto José Francisco da Silveira foi nomeado para tal posto da 5^a. Cia. do 89 B. I. da Guarda Nacional, aos 19 de junho de 1841³⁷. Quando foi do inventário dos bens de seu filho Manoel José da Rosa Silveira, em 1901³⁸, sendo inventariante sua mulher Lucinda Rosa da Silveira, por procuração outorgada a Francisco José Dias de Almeida, são declarados cinco filhos no respectivo título de herdeiros: Maria Lucinda da Silveira, casada com Manoel Jacinto Duarte, Joana da Silveira, casada com Antônio José Coelho, Etelvina Lucinda da Silveira, casa da com João Leal da Silva, Alfredo Militão da Silveira, solteiro, e Vene-

³² Arquivo Judiciário Francisquense

³³ Registros eclesiásticos da freguesia do Senhor Bom Jesus do Parati

³⁴ id. Ib.

³⁵ id. Ib.

³⁶ id. Ib.

³⁷ Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Livro de Registro de Patentes

³⁸ Arquivo Judiciário francisquense

randa Luiza da Silveira, casada com João Pedro da Silva Belém. Dois filhos moravam em Barra Velha e os demais no Itapocu. Deixou terras no Itapocu, no lugar Pocinho, no Sertão do Meio e no Ribeirão do Salto³⁹.

Januário Inácio Borges e Luíza Rosa da Conceição, a filha de Valentina Rosa de Jesus (v. supra), tiveram o filho Manoel Inácio Borges, morador no Itapocu, com 38 anos aos 12.9.1908⁴⁰, quando casou com Maria Joaquina Magdalena, de 20 anos, filha de Joaquim José Thomás e de Joaquina Caetana de Faria. Januário Ignácio Borges era neto paterno de José Ignácio Borges e de Leonarda Inácia da Trindade, moradores da Penha, e materno de Manoel Soares da Silva e de Bárbara de Jesus. José Inácio Borges era filho de Antônio José e de Maria da Estrela, naturais da Ilha de São Miguel, enquanto que sua mulher, Leonarda Inácia da Trindade, era nora de Manoel José da Silveira, ou Silva, e de Bárbara de Jesus, naturais da Ilha do Pico, segundo o batismo do filho Felício, aos 17.1.1808, tendo por padrinhos o Tenente André Borges Pitta e Joana Maria da Conceição⁴¹. Manoel Inácio Borges faleceu aos 23.10.1858⁴², com cerca de 65 anos, ainda casado com Francisca Maria, filha de Manoel Soares da Silva e de Maria Francisca, naturais da freguesia de São Miguel.

Onofre Francisco da Rosa e Leonida, ou Leandra, Justina Garcia da Silva também tiveram o filho Valdmir Manoel da Rosa, natural do Itapocu, com 26 anos aos 12.6.1909⁴³, quando casou com Maria do Patrocínio Macedo, de 18 anos, filha de Antônio Pereira de Macedo, alfaiate, natural de Portugal, e de Camila Francisca da Rosa Macedo.

O citado Major Manoel Antônio Vieira faleceu aos 10 de junho de 1885, ano em que seus bens foram inventariados por sua mulher⁴⁴, D. Deolinda Rosa da Graça, deixando os seguintes filhos: Maria Theodora Vieira, de 25 anos, casada com João José Machado da Costa e residente em Joinville; Águida Balbina Vieira, de 23 anos, solteira, residente em

³⁹ id. Ib.

⁴⁰ Registros eclesiásticos da Catedral de Joinville

⁴¹ Primeiro livro da Penha

⁴² 2º livro de óbitos da Penha

⁴³ Registros eclesiásticos da Catedral de Joinville

⁴⁴ Arquivo judiciário francisque

companhia da mãe no lugar Boa Vista; Gervázio Antônio Augusto Vieira, de 17 anos, também residente no lugar Boa Vista; e João Athanázio Vieira, de 15 anos, residente em companhia da irmã em Joinville. Deixou os seguintes escravos: Silvestre, Cipriana, Praxedes, Luiza, Cândido, Salustiana, Felizarda e Pureza. Suas terras, no Sertão do Itapocu, faziam fundos no Ribeirão do Cardoso. Deixou também uma casa na Vila do Parati. Sua fazenda media 420 por 504 braças, no lugar Boa Vista, extremado, pela frente, com terras de Suas Altezas Príncipe e Princesa de Joinville e, pelos fundos, com terras de Bento Geraldo Moreira. Tinha, outrossim, 369 braças de frente por mil de fundos, contíguas às da residência, fazendo limites com terras de João Correia de França e Izidro José de Carvalho, norte com terras devolutas, sul com terras de SS. AA. Príncipe e Princesa de Joinville. Além dessas, tinha 51 braças com fundos até a praia, na barra do Rio Itapocu, dividindo, ao norte, com terras da viúva Walter e, ao sul, com terras dos herdeiros de Manoel Francisco da Rosa. Mas não eram só essas, tinha, ainda, 50 braças de terras no Morro Comprido, com fundos até o cume do mesmo morro, sul com os herdeiros de Manoel Francisco da Rosa, norte com os herdeiros de Thomás Antônio de Lemos. Outras 292 braças no lugar denominado "Aí", na margem direita do Rio Itapocu, fazendo fundos com terras devolutas, oeste com os herdeiros de Carlos Walter, leste com quem de direito fosse⁴⁵.

Em 1835⁴⁶, o Major Henrique Etur, morador de Porto Belo, moveu processo contra Thomás Antônio de Lemos e Francisco da Rosa, em virtude de estes não entregarem os seiscentos alqueires de farinha vendidos a ele por quatrocentos réis o alqueire.

Em 1863, um canoeiro do Rio Itapocu agrediu e assassinou o sacristão Lickefett, encarregado pelo Pe. Gattone de levar documentos ao Pe. Boegerhausen de Joinville, pensando que na maleta de seu passageiro houvesse algum valor⁴⁷. Não sabemos quem era esse balseiro.

⁴⁵ Arquivo judiciário francisquense

⁴⁶ Cf. J. FERREIRA DA SILVA, Itajai, A Fundação e o Fundador, "in" Blumenau em Cadernos, Tomo VIII, nn.9-10, p.173, julho de 1967

⁴⁷ Cf. Fr. E. EMMENDOERFER, Primórdios da Paróquia de Gaspar, "in": Blumenau em Cadernos, Tomo IV, n.3, março de 1961, p.43

Thomás Antônio de Lemos foi assassinado, aos 21.9.1869 com a idade de 70 anos, no Sertão do Itapocu ⁴⁸, tendo feito testamento quatro meses antes, aos 16.5.1869 ⁴⁹, onde se declarou nascido na Vila de Guaratuba, Província do Paraná, filho legítimo de João Antônio de Lemos, já defunto, e de Joaquina Rosa de Jesus. O testamento foi feito neste lugar Sertão do Itapocu, distrito da Barra Velha, termo de São Francisco Xavier" ⁵⁰. Deixou os seguintes filhos de seu único leito com Joana Rosa de Jesus, com quem casara "na forma do estilo": Maria Thomásia, casada com Carlos Walter, Rosa, casada com Vicente Antônio Caetano, Ponciano Antônio de Lemos, Deolinda, casada com Manoel Antônio Vieira, e Lucinda, casada com Manoel José da Rosa Silveira. De seu primeiro leito com o marido luso, João de Sousa (v. supra), que a abandonou, Joana Rosa de Jesus tivera três filhos: José Francisco de Sousa, Valentina Rosa de Sousa e Florinda, casada com Bernardino Antônio Caetano. Foram adotados e perfilhados por Thomás Antônio de Lemos, contanto que partilhassem "em comum os bens que lhes deixar"(sic). Pediu que seu corpo fosse sepultado "em catacumba especial no lugar do costume, na minha freguesia"(sic). Deixou dez mil réis a cada afilhado: José, filho de Bernardino Antônio Caetano, Virgílio, filho de José Francisco de Sousa, Manoel, filho de Valentina Rosa de Sousa, Jerônimo, filho de Carlos Walter, Maria, filha de Manoel José da Rosa Silveira. Deixou também cinquenta mil réis "para a construção da igreja de minha freguesia". Declarou que, ao vir para o Sertão do Itapocu, trouxera consigo seu filho adotivo José Francisco de Sousa, a quem deixou 50 braças de terras. O inventário dos bens dele, processado em 1870⁵¹, foi um dos mais tumultuados de que se tem notícias. A filha Rosa Ignácia de Jesus já era então finada, tendo deixado dois filhos de seu casamento com Vicente Antônio Caetano: José Vicente Caetano da Rosa, com 17 anos, e Maria, com oito. Nos autos dos "embargos aos segundo inventário que se procedeu nos bens que dizem ser de Thomás Antônio de Lemos", opostos por Bernardino Antônio Caetano, José Francisco de Sousa e Valentina Rosa de Sou-

⁴⁸ Livro n. 8 de óbitos da Matriz de N. Sa. da Graça

⁴⁹ Arquivo judiciário francisquense

⁵⁰ Arquivo Público francisquense

⁵¹ Id. Ib.

sa, foi ouvida a testemunha Libório da Cunha Maciel, lavrador, casado, de 65 anos, natural de Itapocorói. Declarou que João de Sousa, o marido luso de Joana, ausentara-se há 44 anos para lugar incerto, deixando, além dos três filhos, "uma sorte de terras nas Piçarras, que herdara por falecimento de seu sogro". Declarou também "que, quando Thomás Antônio de Lemos se introduziu em casa de Joana Rosa de Jesus, não levou bens" e que sabia "que Thomás Antônio de Lemos não se casara com Joana Rosa de Jesus, pois, se casasse, o Vigário da Vara Marcolino Nunes não os perseguiria". A segunda testemunha dos ditos embargos⁵², foi João Alves da Silva, conhecido por João Ribeiro, viúvo, natural da Barra Velha, com 60 anos de idade. Declarou que Thomás Antônio de Lemos, ao tempo de "ter-se introduzido em casa de Joana Rosa de Jesus", não possuía "dinheiro algum com que pudesse principiar". Ademais, "que neste termo não se casara Thomás Antônio de Lemos, mas dizem que efetuara casamento em Paranaguá, porém, se isso acontecesse, o Vigário Marcelino não os perseguiria". Declarou, outrossim, que Thomás Antônio de Lemos havia "chegado de Montevidéu em um brigue, de marinheiro", e que, "sendo ele, testemunha, então Oficial de Justiça, recebeu do Padre Marcelino, por vezes, precatórias para prender a Thomás Antônio por constar ao dito padre que Thomás se tinha casado em Paranaguá, o que não se efetuou então por ele se ter ocultado até que soube que o mesmo padre tinha falecido". A quarta testemunha foi Martinho Nunes da Silveira, viúvo, com 75 anos de idade, natural da freguesia da Lagoa, lavrador. Declarou que sabia, "por ouvir dizer por Francisco da Cunha Maciel e Serafim Nunes Leal, que Thomás Antônio de Lemos e Joana Rosa de Jesus vieram a esta cidade pedir ao Vigário Marcelino José da Silveira para os casar e que fora dito que não podia fazer porque Joana Rosa era casada com João de Sousa, salvo se lhe apresentasse certidão de óbito ou documentos de sua viuvez". Declarou também que, "passado algum tempo, espalhava-se a notícia de que eles tinham ido a Paranaguá, a fim de se casarem, o que não efetuaram, e que, chegada esta notícia ao dito Vigário Marcelino, este pediu auxílio à autoridade competente e dirigiu sobre ele uma escolta cuja prisão não se efetuara por Thomás Antônio de Lemos se

⁵² Arquivo Público francisqueense

ter ocultado, o qual assim se conservou até saber que o referido vigário era morto."

O sítio de residência de Thomás Antônio de Lemos fazia fundos no Ribeirão do Cardoso, dividindo, ao norte, com terras do Capitão Alberto José Francisco da Silveira e, ao sul, com terras do casal, fazendo frente com terras dos moradores de baixo. A terceira testemunha fora José da Cunha Maciel, de 67 anos, casado, natural de Cambriú (sic), lavrador. A sentença de partilha foi reformada, uma vez que "se tem visto, neste foro, aparecer em questão de terras, as de propriedades de uns registradas como pertencentes a outros, e com toda facilidade"(sic).

Ponciano Antônio de Lemos, o filho de Thomás, foi casado com Bárbara Tavares de Miranda, em segundo leito dela, filha do Alferes João Afonso Moreira e de Ana Andreza de Mivanda Tavares, neta paterna de José Antônio Moreira e de Ana Jacinta de Oliveira, francisquenses, e materna do Capitão-Mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares. Seu sogro, o Alferes João Afonso Moreira, teve seus bens inventariados em 1870, tendo falecido aos 17 de fevereiro daquele ano⁵³. Além de Bárbara, deixou os seguintes filhos: José Estêvão de Miranda e Oliveira, casado com Paulina da Maia, Manoel Antônio de Oliveira, João Afonso de Oliveira, então solteiro, e Luíza Tavares de Miranda, casada com João Correia de Francisca. Bárbara Tavares de Miranda já era finada então, herdando, por ela, a filha Maria, de apenas cinco anos, havida com Ponciano Antônio de Lemos.

Diga-se que, em 1870, o Juiz de Direito de São Francisco do Sul era o Dr. Braulio Rômulo Colônia, que foi processado por crime de responsabilidade⁵⁴. O questionado inventário, porém, foi processado pelo Juiz Municipal e de Órfãos Vicente Porfírio de Almeida. Thomás Antônio de Lemos deixou muitos escravos, alambique, gado, canoas e terras. Advogou pela viúva de Thomás Antônio de Lemos o rábula Firmino Manoel de Paula. Ditas terras situavam-se no Sertão de Dentro, no Sertão de Fora, no lugar Pocinho, no Morro Comprido e no Piraí-Piranga, quase sempre confrontando com membros da mesma família⁵⁵.

⁵³ Arquivo Judiciário francisquense

⁵⁴ Id. Ib.

⁵⁵ Id. Ib.

José Francisco de Sousa, o filho do primeiro leito de Joana Rosa de Jesus, parece ter sido o que teve seus bens inventariados, em 1886⁵⁶, por sua viúva Carolina Rosa de Jesus, moradora no Itapocu, deixando os seguintes filhos: Maria de Sousa das Neves, solteira, moradora no Itapocu, Ignácio José de Sousa, casado, Vergílio José de Sousa, Amália de Sousa Vieira, casada com Francisco de Paula Vieira, Clarinda Rosa de Sousa, de 26 anos e solteira, João Francisco de Sousa, de 24 anos e também solteiro, José Justino de Sousa, de 24 anos, Vergílio Bernardo Caetano, por cabeça de sua mulher já finada Bernardina Rosa de Sousa, e os órfãos Porcina, Maria e José. Em 1903⁵⁷, no entanto, foram inventariados os bens de Francisco de Sousa de sua mulher Maria Joaquina de Jesus, que deixaram quatro filhos.

Karl Wachter, ou Carlos Walter, morava "no Itapocu da Barra Velha" e era natural de Romestead, Morávia, Áustria. Seu filho Emílio Carlos Walter foi batizado aos 8.12.1863⁵⁸, com três meses e 21 dias, tendo por padrinhos Manoel Antônio Vieira e sua mulher, e casou com Maria von Krause, filha de Otto Bernardo von Krause, natural da Província de Wabile, na Rússia, professor de primeiras letras, morador em Joinville, e de Frederica Ziegler, neta paterna de Guilherme von Krause, "lente de agricultura na faculdade de Gorky"⁵⁹, natural da Rússia, e de Maria Henze, natural da Alemanha, moradora na Província de Mohile (?), e materna de Frederico Ziegler, natural da Alemanha, marceneiro, já finado em 1878, e de Sophia Colin, também natural da Alemanha, cidade de Ulsen, onde nasceu aos 22.1.1842, filha de Jean-Henry Jules Colin, capitão do exército napoleônico, natural de Chazele, França, e de Catharina Maria Licht, natural de Ulsen, Alemanha. Sua filha Edith Krause Walter, nascida em São Bento do Sul, casou com Casimiro Silveira, natural de Lages, filho de Israel Paulo da Silveira, natural de São José, e de Marcolina Maria do Prazeres, neto paterno de Vicente Silveira de Sousa e de Ana Maurícia de Sousa, e materno de Manoel de Melo e de Maria Francisca dos Prazeres.

⁵⁶ Id. Ib.

⁵⁷ Id. Ib.

⁵⁸ Primeiro Livro judiciário francisquense

⁵⁹ Livro Provisório n. 12, fl. 18 verso, n. 682, Distrito de Paz de Joinville

O Major Manoel Antônio Vieira era filho do Tenente de Marinha Antônio João Vieira Sênior, natural da freguesia do Santíssimo Sacramento da Cidade do Rio de Janeiro, e de Águida Maria do Rosário, natural de São Francisco do Sul, e sendo neto paterno de Manoel Antônio Vieira, natural da freguesia de Santa Luzia da Ilha do Pico, e de Petronilha Aurélia de Jesus, natural da freguesia de N. Sa das Angústias da Ilha do Faial, e materno de Manoel Dias do Rosário e de Ursula Francisca Xavier, esta filha de José Budal Arins e de sua primeira mulher Ana Francisca Xavier. Antônio João Vieira Sênior foi Comandante Superior da Guarda Nacional e Porto Belo e de São Francisco do Sul, aos 11.3.1852 e aos 24.6.1864⁶⁰. Além da sesmaria no Itaum, teve casa de sobrado na Rua da Praia em São Francisco do Sul, entre a do finado Bento da Costa Pereira e o sobrado de José Nicolau Machado, depois dada a seu filho Antônio João Vieira Júnior, capitão, e a sua filha⁶¹. O Alferes Manoel Antônio Vieira, depois Major, morreu em Joinville, com a idade de 49 anos, de febre intermitente e caquexia, na casa de seu genro João José Machado da Costa⁶². João José Machado da Costa era escrivão judicial na Vila do Parati e casou com Maria Theodora Vieira aos 23.11.1880. Era filho natural e foi reconhecido em testamento. Teve a filha Ernestina Clara, batizada aos 11 de setembro de 1882, nascida aos 12 de agosto daquele ano, tendo por padrinhos os avós maternos⁶³. João José Machado da Costa era filho natural de Florisbella Paulina da Graça e foi o inventariante, em 1888, dos bens de Francisco Antônio Lemos⁶⁴. Eduardo Carlos Walter casou, aos 22 de julho de 1886⁶⁵, com Beatriz Cristina Maria Pereiva, filha natural de Thomásia Maria da Conceição "e legitimada em testamento pelo finado seu pai", batizada na freguesia de São Francisco Xavier de Joinville. Ele tinha 27 anos e ela, 17.

⁶⁰ Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Livro de Registro de Patentes, fls. 7 e 88

⁶¹ Arquivo judiciário francisquense

⁶² Livro n. 2 de óbitos da Catedral de Joinville, fl.40 verso, n.47

⁶³ Registros eclesiásticos da Catedral de Joinville

⁶⁴ Relação de inventários francisquenses

⁶⁵ Livro n. 2 de casamentos do Parati

Florêncio Justino Garcia e Angélica Florência Régis, parentes dos Garcias referidos, tiveram a filha Florência Angélica Garcia, natural de Porto Belo e moradora na Barra Velha, casada, aos 9.....1883⁶⁶ com Eduardo de Borba Coelho, filho de Luiz de Borba Coelho e de Maria Thomásia Pereiva, então já defuntos.

Justino Francisco Garcia Régis e Lourença, ou Florência Rosa Régis, naturais da freguesia de S. Miguel, tiveram o filho Alexandre Justino Régis, casado com Luíza Eugênia Lebon Régis, filha do Capitão Gustavo Luiz Lebon e de D. Camila Mure, segundo o batismo da neta Olga Adelaide, aos 24.5.1885⁶⁷, nascida aos 14 de março daquele ano, tendo por padrinhos Pedro José de Sousa Lobo e sua consorte D. Adelaide Flora Caldeira Lobo, onde a avó materna é dada como natural da Bélgica, o que não é exato. O Capitão Gustavo Luiz Lebon era filho de Luiz José Lebon e de Theresa Josefa Matieur, moradores em Bincher, Província de Hainout, na Bélgica, de acordo com o batismo da filha Luiza, aos 3.5.1852⁶⁸, em Itajaí, pelo Vigário Francisco Hernandez. Curiosamente, tal registro eclesiástico foi lavrado em livros franciquenses pelo Vigário Colado Benjamim Carvalho de Oliveira. Avós maternos foram Bento Mure e Ursula Eugenia Lalhiniavo. Teve por padrinhos Felício Borges e sua mulher Joaquina Machado, da freguesia de Itajaí. Alexandre Justino Régis pertenceu ao Partido Liberal, comandado por Jerônimo Coelho, ao qual também pertenceu o Dr. Abdon Batista⁶⁹. A Lei n. 979, de 30.8.1913, concedeu a Belarmino Justino Garcia os favores da Lei n. 862, de 1910, para exploração de minérios no Parati, Joinville, Campo Alegre e São Bento⁷⁰. Alexandre Justino Régis tinha fazenda no Ribeirão da Corda, no Parati, onde nasceu, aos 18.2.1874, seu filho famoso o Coronel Gustavo Lebon Régis⁷¹, primogenito, casado, no Rio de Janeiro, com Júlia de Queiroz Nascimento⁷², filha do farmacêutico João Gonçalves do

⁶⁶ Id. ib.

⁶⁷ Livro n. 6 de batismos de Joinville, fl. 66, n. 95

⁶⁸ Livro n. 12 de batismos da Matriz de N. Sa. da Graça, fl. 59 verso.

⁶⁹ Cf. C. A. SILVEIRA LENZI, Partidos e Políticos de Santa Catarina, 1983, p. 30

⁷⁰ Coletânea de Leis de 1913

⁷¹ Cf. GUSTAVO KONDER. Coronel Gustavo Lebon Régis, in: Blumenau em Cadernos, Tomo 17, outubro de 1970, n.10, pp.181

⁷² V. Brasil Genealógico, Tomo II, n. G" 1968, p. 243

Nascimento e de D. Januária Queiroz do Nascimento. O Cel. Gustavo Lebon Régis teve dois filhos: Luíza Lebon Regis, casada com o Dr. Mário Braz Pereira Gomes, quinto filho do Dr. Wenceslau Braz, Presidente da República, e o Tenente-Coronel Júlio Lebon Régis, barbaramente assassinado em General Camargo (RS).

Esses segundos povoadores da região eram, "grosso modo", de origem açoriense, ou melhor, descendentes de açoritas. Foi o caso por exemplo, de Elias José Vieira, natural de São Miguel e morador no Ribeirão das Campinas, no Parati, filho de José Elias Vieira e de Maria Silveira, casado com Justina Maria Vieira, natural das Tijucas Grande, filha de Sabino Francisco Furtado e de D. Mário Sabina Linhares, segundo o batismo do filho Frederico, aos 27.4.1878⁷³.

Eduardo Krisch, em companhia do qual dizem ter vindo o sobredito Carlos Walter, também era natural de Romerstadt, morava na Estrada de Blumenau e era filho de João Krich e de Joana Raab. Foi casado com Gabriela Krisch, filha de Antônio Krisch e de Ana Romfeldt, conforme batismo da filha Heduwirges Jenny Carolina, aos 7.12.1877, tendo por padrinhos Ferdinando Romfeldt e sua mulher Carolina Romfeldt⁷⁴.

Em 1905⁷⁵, Onofre Francisco da Rosa (v. supra), por Procuração a seu filho Waldemiro Onofre da Rosa efetuou protesto judicial, em São Francisco do Sul, contra Frederico von Oekel, agente do 5º Distrito do Comissariado Geral do Estado, domiciliado em Joinville, em virtude de este estar demarcando, a requerimento dos filhos de Jeremias Bernardes, um terreno em Itajuba, distrito de Barra Velha, havido por Onofre por compra feita a Florêncio Justino Garcia, seu parente.

Onofre Francisco da Rosa era irmão germano de Camila Francisca da Rosa, com 23 anos em 1880⁷⁶, quando foi do inventário dos bens de seu pai Francisco Joaquim da Rosa, casada, no Parati⁷⁷, com o luso Antônio Pereira de Macedo, natural da freguesia de São Martinho de Moucos, Reino de Portugal, filho de Manoel de Macedo e de Maria Rosa

⁷³ Registros da Catedral de Joinville

⁷⁴ Registros da Catedral de Joinville

⁷⁵ Arquivo judiciário francisquense

⁷⁶ Id. Ib.

⁷⁷ Livro No. 2 de casamentos do Parati

de Jesus, "de licença do Rev. Vigário encomendado de Barra Velha, Mariano Gilzinski". Camila Francisca da Rosa e Antônio Pereira de Macedo foram pais, dentre outros filhos, de Jom Jacy Pereira de Macedo⁷⁸, casada com Rodrigo Lobo, filho de Mário Lobo e de Theresa Ernestina de Oliveira, neto paterno de Pedro José de Sousa Lobo⁷⁹ e de sua primeira mulher Adelaide Flora Caldeira de Andrade⁸⁰, e materno do Tenente-Coronel Alexandre Ernesto de Oliveira⁸¹ e de Maria Virgínia da Graça Nóbrega, irmã do Pe Nóbrega, com quem teve dois filhos Rodrigo Otávio, casado com Beatriz Duarte Loyola, e Marisa, casada com o Governador Pedro Ivo Figueiredo Campos.

O Comendador Antônio João Vieira Sênior (v. supra) era opositor político do Tenente-Coronel Francisco de Oliveira Camacho Júnior. A mulher do Cel. Camacho, D^a. Rosa Ignácia da Conceição, doou à Matriz de Barra Velha a imagem de N. Sa. da Conceição, aos cuidados do comerciante Miguel Soares da Rocha⁸². Teria esse fato algum significado político?

Alvim Carlos Walter, o filho de Karl Wachter (v. supra), casou, aos 5.5.1900⁸³, quando tinha 30 anos de idade, com Aurélia Maria Vieira, de 26 anos, filha do Capitão Francisco Antônio Vieira, então já Maria Emília da Costa, neta paterna do Tenente-Coronel Antônio João Vieira Sênior e de Águida Maria do Rosário, e materna de finado, e de D. João Antônio da Costa Cidral e de Josefa Alves.

⁷⁸ Cf. LUCAS A. BOITEUX, Os "França" de Laguna, in: Blumenau em Cadernos, Tomo XVI, p. 325

⁷⁹ Cf. IZÁ VIEIRA DÁ ROSA GRISARD, Carta Genealógica de Famílias Tradicionais de Santa Catarina, 1988, p.119

⁸⁰ V. Dicionário Político Catarinense, pp.305, 306 e 48

⁸¹ V. Dicionário Político Catarinense, pp.368, verbete de W. F. PLAZZA

⁸² Arquivo judiciário francisquense

⁸³ Registros da Catedral de Joinville

Burocracia & Governo

Denúncia de Campanha de Desnacionali- zação

Texto:

*HERCÍLIO
DEEKE**



Muitos são os questionamentos sobre a Campanha de Nacionalização dos anos 30 e 40. Sabe-se que deixou marcas profundas na história e na vida daqueles que viviam nas áreas de colonização germânica.

O tema, pouco explorado pelos estudos historiográficos, aparece nesta edição de Blumenau em Cadernos através de uma carta escrita pelo prefeito Hercílio Deeke ao Governador Irineu Bornhausen, prestando informações sobre a denúncia de desnacionalização na região do Vale do Itajaí.

Blumenau, 19 de junho de 1953.

Ao Exmo. Sr.
Irineu Bornhausen
DD. Governador do Estado
Florianópolis

Sr. Governador:

Referindo-me à sua solicitação anterior no sentido de lhe serem prestadas informações sobre uma pretensa campanha de desnacionalização que estaria sendo intensificada nas zonas de

*) Prefeito de Blumenau no período de 1951 a 1955 e 1961 a 1966.

colonização alemã em Santa Catarina, conforme denúncias feitas ao Conselho de Segurança Nacional na Capital Federal, venho, com este, expor o que, no assunto, eventualmente se possa referir a Blumenau.

Inicialmente, cabe-me declarar que neste município nada existe semelhante a uma campanha de desnacionalização. Pelo contrário, a nacionalização, se é que ainda há motivo de empregar este termo, está caminhando a passos largos, não havendo nenhuma intenção de provocar uma alteração nos resultados até aqui obtidos com a educação da nossa juventude, pois que esta está sendo instruída e educada dentro dos programas de ensino emanados pelo Ministério da Educação, baseados em princípios puramente patrióticos e orientados por um espírito capaz de formar uma nova geração isenta de quaisquer idéias prejudiciais ao nosso sentimento de brasilidade.

Quem conhecia Blumenau há quinze (15) anos atrás e a compara com a Blumenau de hoje, já não mais a reconhecerá, pois que a transformação que sofreu nesse lapso de tempo é impressionante, ainda mais considerando que realmente foi um dos principais centros de colonização de Santa Catarina. Aliás, são testemunhos desta afirmativa os próprios conceitos emitidos sobre Blumenau por pessoas importantes e de projeção nos meios culturais do País, bem como de literatos que se têm manifestado através de livros, revistas e jornais, repudiando mesmo divulgações tendenciosas sobre Blumenau e a sua gente.

Assim, as informações prestadas ao Conselho de Segurança Nacional, de que a língua alemã é falada em toda parte - nas escolas, igrejas e lares, nas livrarias e a maioria dos livros seriam em alemão, como os jornais e programas de rádio não correspondem absolutamente à verdade, desde que elas também se queiram referir à Blumenau.

Verdade é que a maioria da população blumenauense se compõe de descendentes de alemães, sendo que os mais velhos destes, pela falta de escolas brasileiras por anos passados, somente mal sabem falar o vernáculo, motivo porque, naturalmente, ainda se ouve falar o alemão em muitos recantos do nosso Município. Acresce, ainda, a circunstância de terem vindo a esta região muitos imigrantes alemães de após-guerra que, como é lógico, ainda não aprenderam a nossa língua, o que contribui para

que se ouça em alguns cafés e outros logradouros públicos a língua alemã.

Muito embora, diante do exposto, não me pareça haver motivo para denúncias tão graves feitas, julguei de bom alvitre fazer sondagens sobre as mesmas a fim de apurar o que realmente existe e quais os motivos, bem como o espírito que orientam as atitudes da Igreja, do Rádio e da Imprensa, ao proporcionarem aos seus fiéis, ouvintes e leitores, cultos e programas em alemão. Os esclarecimentos recebidos das partes envolvidas confirmaram plenamente que não se trata de uma intensificação do uso da língua alemã, mas sim, de um arranjo feito para atender aos desejos de uma pequena minoria de cidadãos que, pelas razões expostas, não falam e não entendem o vernáculo. Para melhor elucidação do ponto de vista das partes interessadas, junto a este, por cópias, as declarações por eles feitas e das quais se depreende não haver nenhuma intenção desnacionalizadora com as medidas adotadas. A “**Hora Recreativa Alemã**” da Rádio Clube de Blumenau, transmitida apenas uma vez por semana, não usa “slogan” nenhum. A “**Frase**”, como tal indicada ao Conselho de Segurança Nacional e que caracterizaria a pretensa campanha de desnacionalização, nunca foi empregada. Tratam-se de palavras usadas numa carta dirigida por uma ouvinte da Rádio Clube, de nome Alídia Schmitt, e que foi lida uma única vez na transmissão do programa de 12 de fevereiro de 1953, na seção referente à correspondência recebida. Para comprovação desta afirmativa incluo cópia fotostática autenticada da mencionada missiva.

As igrejas também explicam as suas atitudes e o jornal “A Nação”, o único deste Município que publica uma coluna em alemão, justifica a sua atitude com o interesse comercial na divulgação do seu órgão que poderia ser prejudicado com a infiltração de jornais em língua alemã editados em São Paulo, Curitiba, Porto Alegre e outras cidades mais do País.

Quanto às escolas, devo esclarecer que todas elas, inclusive Jardins de Infância, são rigorosamente fiscalizadas, não havendo um estabelecimento que não observe as instruções, regulamentos e leis em vigor. Não se fala alemão e dá-se especial importância ao ensino do português, principalmente na zona rural. Sobre o assunto manifestou-se o inspetor

de ensino local, Professor Alyrio de Almeida, que não pôde mencionar o mínimo detalhe quanto a eventuais transgressões dos regulamentos ou mesmo com relação a possíveis intenções desnacionalizadoras.

Esperando que com a presente exposição tenha prestado todas as informações cabíveis no caso, posso assegurar a V. Excia. que as autoridades locais sabem cumprir perfeitamente o seu dever, não permitindo haja abusos e fazendo observar as leis em vigor.

Não seria possível proibir o uso da língua estrangeira nos lares, nos cafés e logradouros públicos, pois que a nossa Constituição concede ampla liberdade nesse sentido. Mas nem por isso há uma tolerância desenfreada, procurando-se, sempre que possível, dirigir e aconselhar a vida social e cultural da Comuna dentro de um espírito nacionalizador e de brasilidade. Em futuro, não muito remoto, acredito esteja completamente desaparecido o problema que ainda constitui certa preocupação das autoridades em todas as zonas de colonização.

Sempre ao inteiro dispor de V. Excia., tenho a honra de renovar-lhe os protestos de minha alta estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

Hercílio Deeke
Prefeito Municipal

Verbetes para a História Catarinense

A Escola Estrangeira

Texto:

*THEOBALDO
COSTA
JAMUNDÁ**



Faltasse ao imigrado a escola que criou ou criaram para ele os interessados nela, os filhos que chegaram com ele e os que nasceram na terra que ocupou, teriam sido analfabetos em duas línguas: a dos pais e a do país onde viviam. Sabe-se que, religiosos e políticos ocuparam posição, e aplicaram esforços para que a escola existisse funcionando.

Até antes do gentilismo nacionalista (a vigência do Estado Novo) a escola estrangeira teve a liberdade que precisava. Também é do conhecimento público que foi alvo dos intelectuais posicionados contra o pangermanismo: entre esses esteve na vanguarda o poeta Olavo Bilac. E dois livros, hoje raros e esgotados, situam a questão: funcionamento da escola estrangeira nos municípios reunidos na Geografia dos rios Itajaí. E Blumenau aparece no destaque.

Entenda-se que a escola estrangeira: a escola alemã, teve qualidade de funcionamento na Colônia Blumenau (1850); Colônia Dona Francisca (1851) e na área territorial para onde chegaram os alemães em 1829: São Pedro de Alcântara. Imagine-se desde lá de cada começo a existência do imigrado portador da tradição escolar germânica.

Os livros mencionados antes foram: Hugo Bethlem, Vale do Itajaí - Jornadas de Civismo (1939) e Ivo D'Aquino, Nacionalização do Ensino - Aspectos Políticos (1942).

*) Sócio emérito do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Cadeira no. 5 da Academia Catarinense de Letras e benemérito da Fundação Cultural de Blumenau.

A Doutrina do Pangermanismo usou a Escola Alemã

A pedagogia da Escola Alemã bitolava para a formação de minoria racial. Entretanto dela saíram alunos com uma consciência teuto-brasileira forte e útil como modelo representativo de tantos, por exemplo: o historiógrafo joinvilense Adolfo Bernardo Schneider: um germano-babitongo com o desembaraço e a competência, de ser guardião do patrimônio cultural de Joinville entendendo-se produto do caldeirão da dominância da baía “Babitonga” com a formação do lar onde existiu zelo pela germanidade. Está de corpo inteiro no livro: “Memórias” (De um menino de 10 anos) e foi grato àquela escola estrangeira das melhores no Brasil-Sul. E escancarou a gratidão in “A Notícia” (Joinville, SC) de 23.05.75 a 27.07.75. Germanicamente, franco intitulou como homenageasse: “Meu tempo de Deutsch Schule (1911-1915)”.

Sente-se-lhe a emoção-dignidade, ficou com a severidade fértil e estimulante da sua Deutsche Schule, ela lhe está na metade teutônica, no jeito de ser Gente.

A Escola Alemã de Blumenau

O ouvido, lido e comentado informou sobre a escola onde muita gente nascida no chão catarina na ecologia humana de Blumenau, foi instruída com a personalidade própria e não perdeu o zelo pelos ancestrais germânicos e mui consciente alimentou a identidade brasileira: equivocou-se quem não reconhecer que foi útil o funcionamento daquela escola partícipe na formação de gerações e do engrandecimento: (1) Comunitário; (2) Preparação de recursos humanos; (3) Como toda Escola integrada no espaço das próprias finalidades e suficiências.

A sua extinção foi conseqüencial: era uma alavanca produtora de instrução pangermânica. E por ser como a constituição de 1891 permitiu, foi substituída pela Escola Brasileira criada na era do presidente Getúlio Vargas. (Quem foi a minha fonte de informação sobre ela com autoridade maior, chamou-se Frederico Kilian (1899-1995).



Grupo de professores das Escolas Particulares Alemãs reunidos em frente ao Grupo Escolar Luiz Delfino durante Curso intensivo de Português - 1918

Alemães Católicos e Luteranos sem a Escola Brasileira valeram-se da Escola Estrangeira

Está no livro de Toni Vidal Jochem, *A Epopéia de uma Imigração* (Edição Comemorativa do Sesquicentenário da Fundação da Colônia Santa Isabel, SC, 1847-1997). Este livro reúne informações, antes desconhecidas: por exemplo, o imigrado luterano vendo os filhos, por mais de 10 anos, sem a escola das primeiras letras! Ele oferece ao grande público os aspectos que rotulam e acusam o Brasil-Imigrantista de um grande descuido com as necessidades da criatura-humana-imigrante, já inscrita e assentada no processo de abasileiramento. A linguagem usada pelo autor não é do estilo acusatório. O livro não é um libelo! Nem tão pouco é de "Panos Quentes". Ele informa: "A autoridade católica com-

portou-se, vezes e vezes, com atitude sectária prejudicial ao imigrado luterano: a família sofreu silenciosa discriminação”.

E vivia aquela gente de atenção maior necessitada a carência humilhante e inferiorizadora, quando o pastor Karl Wagner chegou, e mui felizmente, enviado pela Casa missionária de Basiléia (Suíça). E com ele foi iniciada fase onde apareceu instituição chamada Instituto de Educação. E os filhos do imigrado luterano conheceram a porta aberta para os caminhos, intelectualmente, ambiciosos, além é claro, de contarem com o ensino fundamental. É destaque conhecer que o ensino foi obediente ao método pedagógico de Heinrich Pestalozzi (1746-1827), utilizado também nas casas do ensino luterano da Alemanha.

E por aquelas bandas de tanta mata trepada pelas serras, o imigrado católico testemunhou a existência com funcionamento útil, muito útil, do trabalho franciscano: apareceu e serviu com a reestruturação da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Saberá mais, muito mais, quem ler: Frei Elzeário Schmitt, OFM, Romancinho Franciscano no Sul (1995). Os 4 franciscanos que reestruturaram chegaram numa sexta-feira 10 de julho às 19 horas de 1891, o local de tanto mato e pouca gente era denominado: Teresópolis (Cf. p. 67). É pleonástico. Entretanto necessário para provocar reflexão: os franciscanos procederam da Europa e limitados no interesse da ordem a qual pertenciam.

A Escola Estrangeira redutora de Abrasileiramento, participou no desenvolvimento

A Escola Alemã de Blumenau ensinava na língua que vem com Martim Lutero, e foi falada como vernácula por Goethe e Stefan Zweig. E diz frei Ernesto Emmendoerfer, OFM (autoridade no ensino catarina, confiável): nasceu em oposição ao primeiro vigário de Blumenau (Cf. Centenário de Blumenau - 1850 / Setembro 1950). O que se entende ter existido competição entre o ensino luterano e o ensino católico. Teria o conflito provocado o desprestígio do Pe. Jacobs? - Falta pesquisar.

Imenso é o número de catarinas instruídos por religiosos. E por existirem atuantes sustentaram a diferença que coloca o Brasil-Catarina

conhecido da Europa-católica e da Europa-luterana. Certo é que se aprecie: (1) O imigrado alemão chegou com tradição escolar; (2) a utilização de fórmulas associacionistas para a instrução dos filhos foi uma prática e na paisagem humana foram encontradas; (3) escola da comunidade católica e escola da comunidade luterana; (4) colégios, institutos e seminários abriram as portas aos interessados. Disse-me o Dr. Wigand Persuhn (luterano de profundas raízes franco-germânicas) lembrar-se do tempo do Colégio Franciscano Santo Antônio com saudade feliz.

A escola estrangeira alemã (uma das alavancas de ideologia) não alcançou fazer de cada aluno um interessado partícipe de minoria racial. Também o presidente da República Getúlio Vargas, disse, no discurso do Teatro Carlos Gomes, no dia 10.03.40 (e Blumenau representativo ouviu) não ser cabível no território brasileiro minorias raciais. - E nos parece que o blumenauense não desaprovou, pois duas vias públicas homenageiam-lhe à memória.

BIBLIOGRAFIA DE APOIO:

- JOCHEM, Toni Vidal. A Epopéia da Imigração. 1997. p. 259
- SCHMITT, Frei Elzeário OFM. Romancinho Franciscano no Sul. São Paulo, Ledix, 1995.
- PIAZZA, Walter Fernando. A Igreja em Santa Catarina: Notas para sua história. Florianópolis, IOESC, 1977.
- EMMENDOERFER, Frei Ernesto OFM. O Ensino Particular em Blumenau. In: Centenário de Blumenau. Blumenau, Comissão dos Festes, 1950. p. 286.
- KREUTZ, Lucio. O Professor Paroquial: Magistério e Imigração Alemã. Florianópolis, Ed. UFSC, 1991.
- CHERADAME, Miguel. Dias Decisivos: A Defesa das Américas. 1941
- SEYFERTH, Giralda. Nacionalismo e Identidade Étnica. Florianópolis, Ed. FCC, 1981. (*A autora nasceu em Brusque, SC, e é da árvore genealógica de Evilásio Gevaerd, onde também é brotação Ayres Gevaerd, maior entre os maiores na preservação da memória brusquense.*)

Autores Catarinenses

Dois Livros

Texto:

ENÉAS
ATHANÁZIO*



Comento hoje dois livros de autores catarinenses, ambos importantes, embora de gêneros muito diferentes.

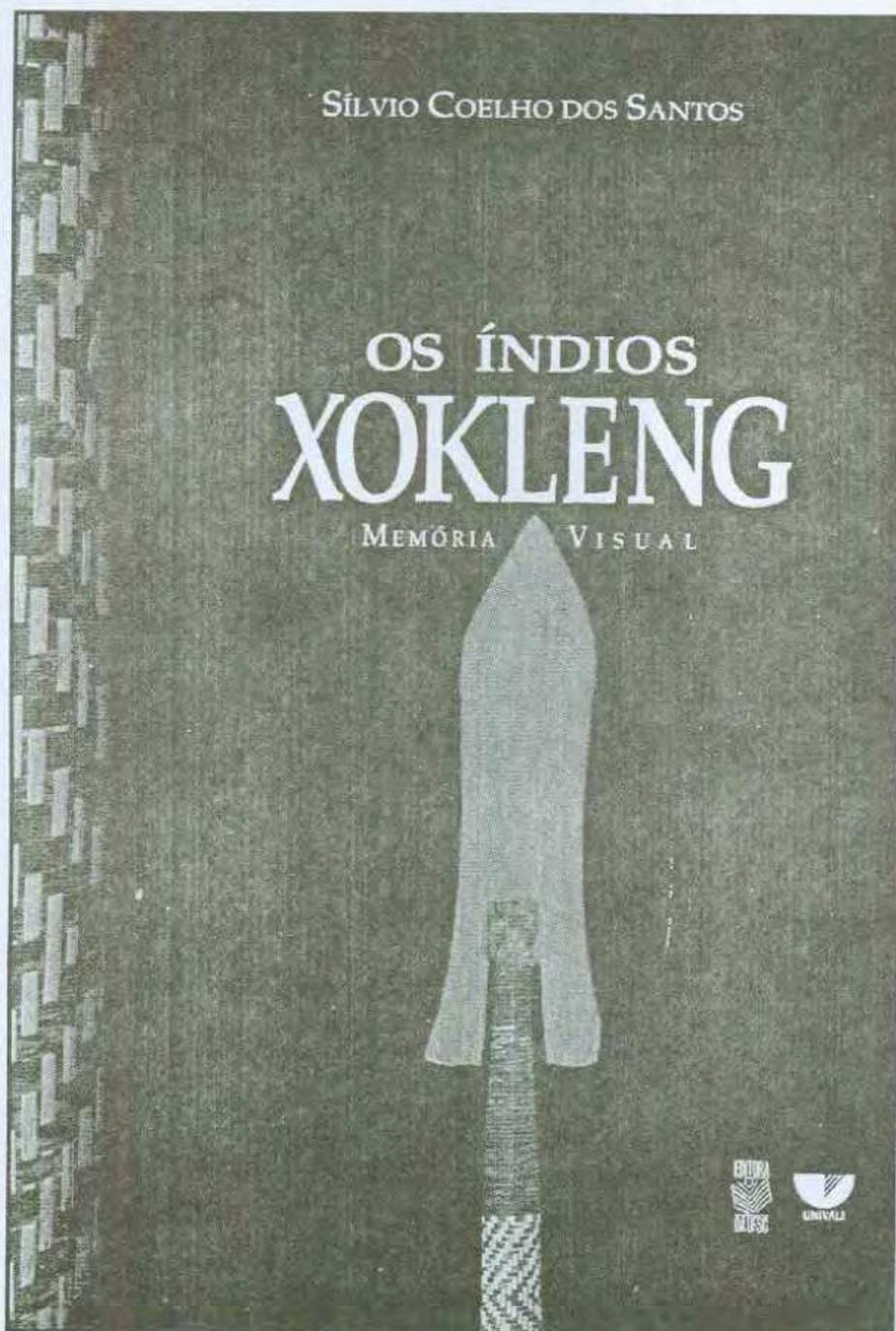
O primeiro deles é “Os Índios Xokleng - Memória Visual”, de Silvío Coelho dos Santos, publicado pelas Editoras da UFSC e da UNIVALI (1997), trata-se de um trabalho metuculoso em que o conhecido antropólogo se esmerou nos textos e na escolha do material iconográfico para bem documentar a tragédia que se abateu sobre os xokleng com a chegada do elemento branco.

Vítimas de um destino sáfaro, esses índios se viram sempre atacados por outros índios, o que acarretou a diminuição dramática de seu espaço vital, e depois pelos brancos. Sua sobrevivência até hoje é um prodígio de resistência. Dos quatro a seis milhões de indígenas que habitavam o País, restam cerca de 330.000, enquanto sobraram uns poucos 1.200 Xokleng, incluindo-se os que se encontram na reserva de Ibirama, e os que mendigam por aí.

Nômades por formação, viviam livres e soltos, entregues à caça e à coleta de produtos naturais. O uso de um botoque labial lhes deu a alcunha de botocudos. Bugres é uma designação pejorativa cunhada pelo branco que os via como inimigos. Sem noção muito clara de nações ou etnias, para eles só existiam “o nós” e “os outros”. Estes “outros” estavam sempre a perturbá-los sem trégua.

A crescente invasão de suas terras só poderia provocar reações. Encurralados, não encontraram alternativa, e os seus ataques aos

*) Escritor e advogado.



Livro em capa dura, contendo 151 páginas ilustradas,
no formato 21 cm X 29 cm, comercializado pelo
Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva” (R\$ 40,00)
Maiores informações pelo telefone: (047) 326-6990

brancos provocavam polêmica e indignação. A apropriação de armas e ferramentas dos brancos pelos índios fornecia a estes um poder desconhecido, graças à posse de novas tecnologias. E isso aumentava o pavor dos brancos.



**Visita do Governador de Santa Catarina, Adolpho Konder,
ao Posto Indígena “Duque de Caxias” - 1926.**

Com a “pacificação”, entram em cena novos personagens. O sertanista Fioravante Esperança consegue a aproximação com um sub-grupo Xokleng (1912). Dois anos depois, o jovem Eduardo de Lima e Silva Hoerhan consegue um contato pacífico com os índios, evoluindo com tempo para a criação da reserva de Ibirama, o que acarretou profundas alterações na vida dos indígenas, que se tornaram sedentários, adotaram trajes, comidas e remédios “civilizados”, com graves conseqüências. Sem falar nas invasões da reserva e nos golpes desferidos contra eles por

“espertos”, em busca de terras e madeiras, e os problemas causados pela construção da barragem norte.

Toda essa trajetória de miséria e padecimentos, extermínio e violência, está documentada no livro com dados, fotos, numa coleção inigualável e impressionante, fontes, testemunhos etc. E concluí que, apesar de tudo, a pequena nação Xokleng que escapou da fúria genocida acredita na própria sobrevivência como povo e luta para construir um futuro melhor.

O segundo livro a que me refiro é “Introdução à Ciência do Direito Penal”, de autoria de Artemio Zanon, meu antigo colega de Ministério Público, publicado por obra Jurídica Editora (Florianópolis - 1997).

Trata-se de obra muito séria, escrita por um erudito e grande conhecedor da matéria, em estilo muito pessoal e elegante. A leitura me valeu como recapitulação e aprendizado.

Num texto denso e repleto de informações, o autor analisa o homem e o Direito, o homem e o Direito Penal, a interpretação da lei e da norma penal, a história e a filosofia do Direito Penal e fornece uma visão panorâmica do Direito Penal no Brasil. Analisa o pensamento dos grandes expoentes do direito Penal, desde os mais antigos, Passando por Grotius, Beccaria, os integrantes das três escolas Penais e todos aqueles que deixaram sua marca. Acompanha passo a passo a evolução do Direito Penal desde seu aparecimento na sociedade humana até os dias de hoje. Tudo é exposto com detalhes e riqueza de elementos informativos, sem fugir jamais do debate entre as diversas correntes de pensamento, revelando um domínio do assunto cada vez mais raro nos dias de hoje. É, enfim, uma obra que ensina e discute, sempre de forma clara, e o autor não se furta de tomar posição nas questões controversas, externando sua visão pessoal, sempre atualizada com o conhecimento científico mais moderno. Não apenas no título é um livro inovador.

Como em seu livro jurídico anterior, no qual dissecou com sucesso todos os meandros da Assistência Judiciária. Neste volume o autor desvenda tudo que os homens imaginaram em defesa de sua sociedade através do Direito Penal. É um livro para os profissionais e ilustrativo para as pessoas curiosas.

Desejando receber números antigos, tomos completos, ou fazer nova assinatura / renovação, procure-nos. Abaixo informamos nossos preços:

-) Assinatura nova: R\$ 50,00 (anual=11 números)
-) Renovação assinatura: R\$ 40,00 (anual=11 números)
-) Tomos anteriores (Encadernados com capa dura): R\$ 60,00
-) Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (Cada exemplar/número antigo)

Sim, desejo assinar a revista "Blumenau em Cadernos para o ano de **1998** (Tomo 39). Anexo a este cupom a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opção de pagamento abaixo:

Forma de pagamento:

- Vale Postal (Favor anexar fotocópia do comprovante para melhor identificação)
- Cheque
Banco:
Número:
Valor: R\$
- Dinheiro

Dados do assinante:

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Caixa Postal: _____

CEP: _____ - _____ Fone p/ contato: _____

Cidade: _____ Estado: _____

.....
Assinatura

Arquivo Histórico "José Ferreira da Silva"

Caixa Postal: 425 - Fone: (047) 326-6990

Cep.: 89015-010 - Blumenau (SC)

Apoio Cultural:

Aiga Barreto Mueller Hering
Alfred Luiz Baumgarten
Altamiro Jaime Buerger
Annemarie Fouquet Schünke
Ariano Buerger
Armando Luiz Medeiros
Benjamim Margarida (*in memoriam*)
Genésio Deschamps
Mark Deeke
Nelson Vieira Pamplona
Victória Sievert
Willy Sievert (*in memoriam*)
BTV - Blumenau TV a Cabo
Buschle & Lepper S/A
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A
Eletro Aço Altona S/A
Gráfica 43 S/A Ind. Com.
Hering Têxtil S/A
Herwig Schimizu Arquitetos Associados
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda.
Lindner Arquitetura e Design
Madeireira Odebrecht
Transformadores Mega Ltda.
Unimed Blumenau

BLUMENAU
em Cadernos

TOMO XXXIX
Abril de 1998 - N.º. 04



A exploração da imagem iconográfica como fonte de pesquisa por historiadores, cientistas sociais, jornalistas, antropólogos, e outros interessados, vem ao encontro dos objetivos de dinamização e divulgação do acervo fotográfico pertencente ao Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”, que compõe-se de 40.000 imagens à sua disposição.

